

A NOITE MALDITA

As crônicas do fim do mundo

André Vianco

A NOITE MALDITA

As crônicas do fim do mundo

novo século®

SÃO PAULO 2013

Copyright © 2013 by André Vianco

COORDENAÇÃO EDITORIAL Filipe Nassar Larêdo
DIAGRAMAÇÃO Guilherme Xavier
CAPA Christian Pinkovai/Santtos
MONTAGEM DE CAPA Monalisa Morato
PREPARAÇÃO Equipe Novo Século
REVISÃO Ana Lúcia Mendes
Fernanda Guerreiro Andrade

Dados internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vianco, André

As crônicas do fim do mundo: a noite maldita / André Vianco.

-- Osasco, SP : Novo Século Editora, 2013.

1. Ficção brasileira I. Título.

12-09992

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA

CEA – Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar
Bloco A – Conjunto 1111 – CEP 06455-000

Alphaville Industrial, Barueri – SP
Tel. (11) 2321-5080 – Fax (11) 23215099

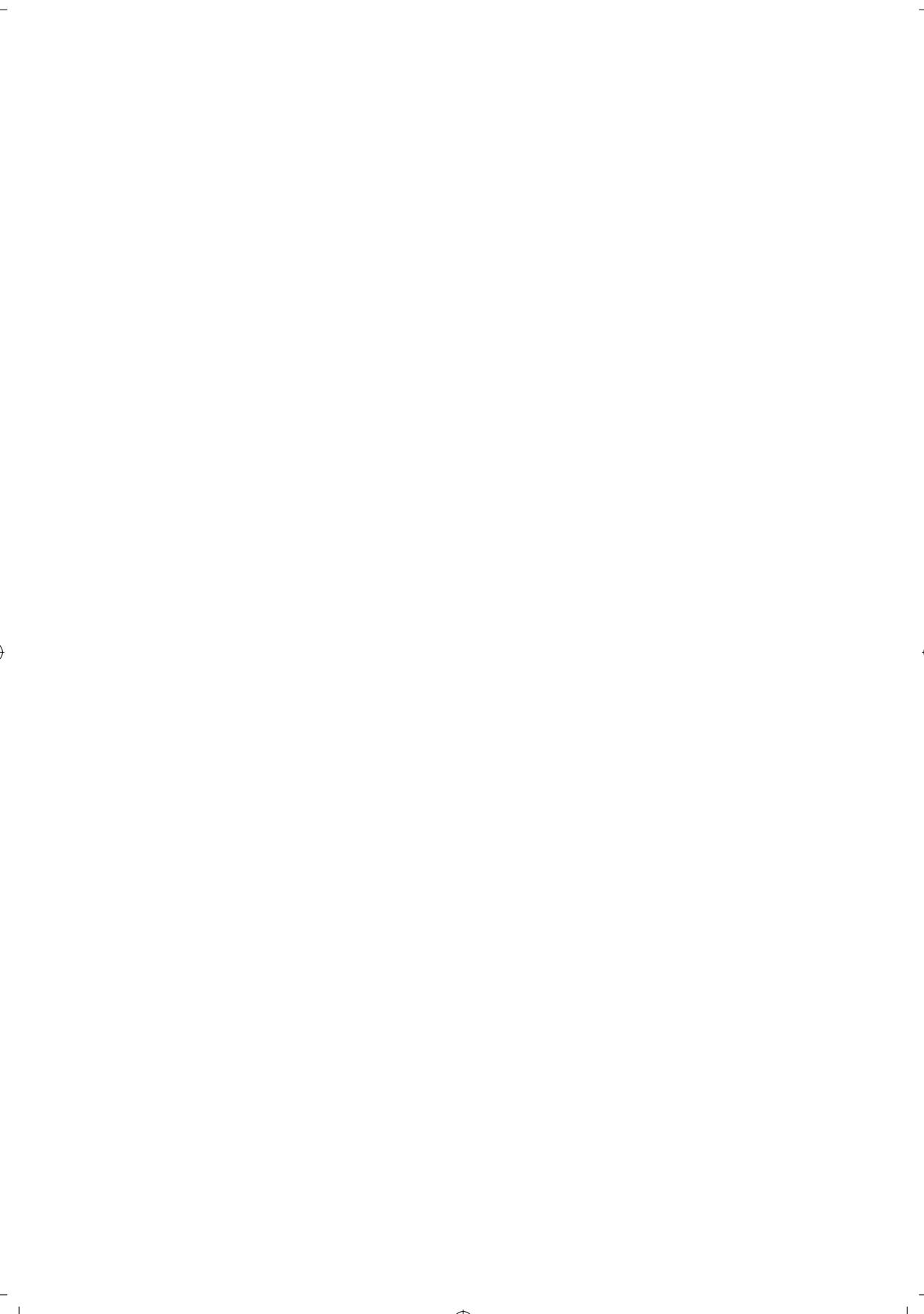
www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

Agradeço à querida leitora Roberta Taveira que, em uma noite de autógrafos em Piracicaba, me prestou uma aula de Ética Jurídica bastante útil para a composição de alguns cenários desta nova obra.

Agradeço também a paciência de minha família, que sempre me apoia quando “endoideço” preparando esses novos mundos onde dou vazão à minha literatura e fantasia.

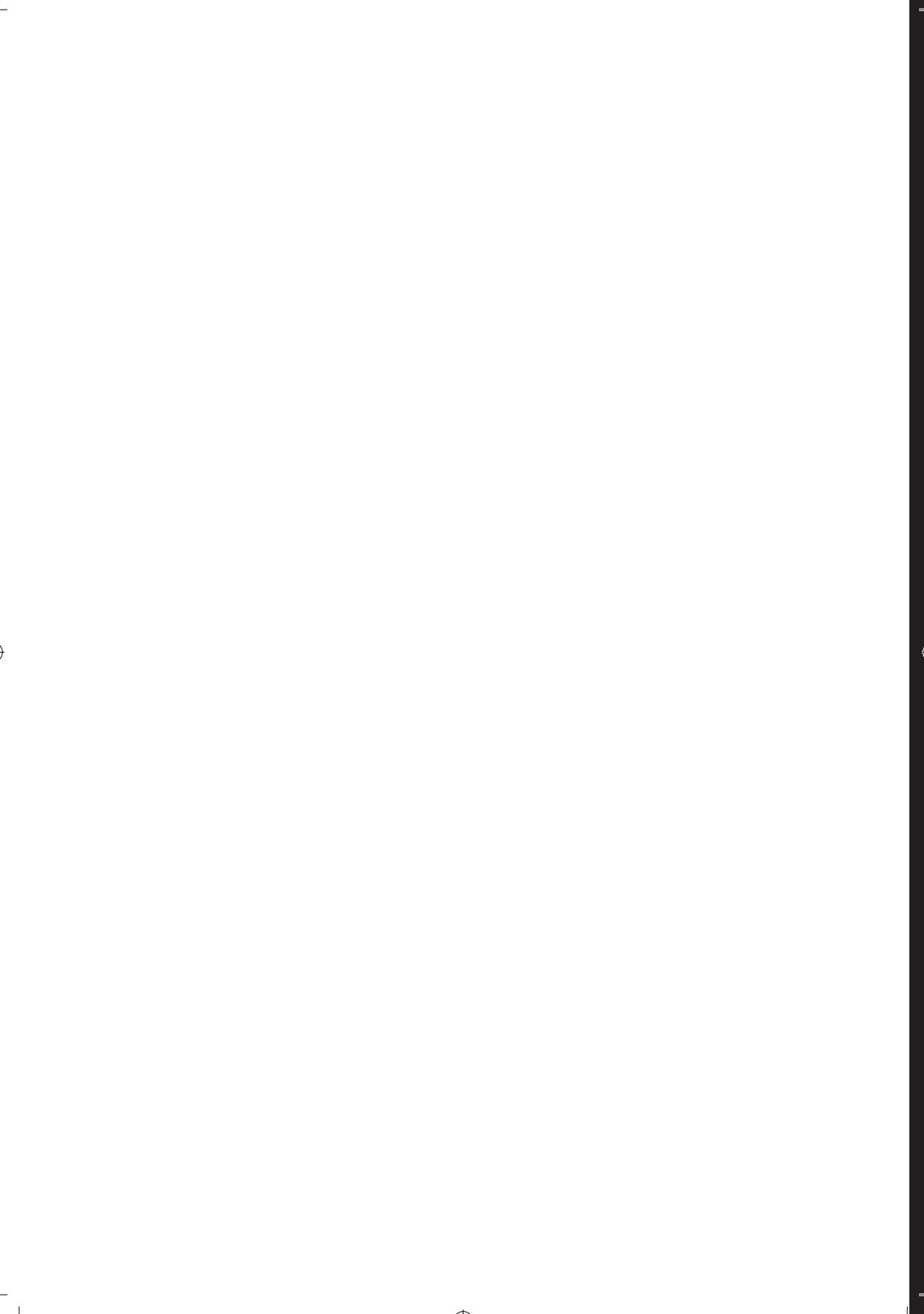
Agradeço também a vocês, leitores, que sofrem comigo a agonia de esperar a nova aventura.



Para Thiago. Bem-vindo, querido sobrinho.

Este livro também é dedicado à minha leitora, amiga e sonhadora Michelle Costa.

Beijos, garota.



PRIMEIRA NOITE



CAPÍTULO 1

Mesmo não vendo ninguém na estrada e nenhum veículo pelo retrovisor, ele bateu com a mão na seta, indicando que entraria na pista. A picape Toyota deslizou suavemente, e num instante já estava a cento e vinte. Conduzia alheio à paisagem do entorno. Seus pensamentos, naquele momento, não compartilhavam com sua curiosidade nata a atração por lugares novos e desconhecidos. Seus olhos apenas monitoravam a estrada, mecanicamente, enquanto ele divagava sobre o que o levara até ali, ao interior do estado de São Paulo, rodando agora rumo à rodovia Raposo Tavares. Chegaria em casa em coisa de mais cinco horas de viagem. Não conseguiria abstrair olhando para as montanhas e plantações de soja ao redor, nem para os casebres ao alcance da vista. Era noite alta, madrugada entrando. O dia tinha sido cansativo e, apesar dos pedidos dos amigos para pernoitar em Palmital, não queria ficar ali. A única pessoa que poderia prendê-lo por algumas horas divertidas ou nostálgicas não estava mais lá, também tinha ido embora. Ele estava tão compenetrado em seus pensamentos e com tanta vontade de voltar para casa e para a noiva, que não tinha parado sequer vinte minutos no hotel Oriental para um revigorante banho e uma salutar troca de roupas. Sem dúvida nenhuma teria valido a pena um pouco de descanso. Estava com aquele mesmo terno preto, muito bem cortado e ajustado ao corpo, havia mais de vinte e quatro horas. Mesmo com o desodorante extra, não devia estar cheirando bem desde a hora do almoço. Sentia como se toda a sua vontade tivesse sido levada com o caixão que se perdera nas sombras ao fim do funeral. Depois do enterro ficara divagando, só isso; lembrando-se de todos os amigos que tinham passado por sua vida. Não que fossem muitos, porque, no alto dos seus trinta e seis anos, sabia que tinha ainda muita lenha para queimar, mas era estranho, fazendo um breve retrospecto, notar que, desde a faculdade, contava com um ou dois amigos novos apenas. Parecia que, a certa altura da vida, tinha ficado tão cético que novos amigos não lhe interessavam mais. Todo mundo lhe soava superficial demais, falso demais, cego à grande verdade que espreitava

a vida. Involuntariamente puxou a gravata, que foi deslizando pelo colarinho até soltar-se. Depositou a peça vermelha no banco de couro do passageiro. O CD tocava agora pela quarta vez a mesma sequência predileta de Norah Jones, tornando-a chata e repetitiva até para ele, um fã. Pressionou a tecla da função rádio no volante, sem despregar os olhos da estrada vazia e monótona. Só estática. Deu de ombros. Isolado entre morros numa estradinha do interior não fazia dele um cara bem posicionado para receber transmissão de uma FM. Foi só então que lançou seu primeiro olhar curioso para fora, desanuviando-se por um segundo de seus lúgubres pensamentos. Abriu a janela. O vento frio entrando, fazendo dançar os longos fios de cabelo sobre seus olhos. Segurou-os sobre a testa e lançou mais um olhar para fora. Noite estrelada. Noite linda. Linda demais para colocar na cova alguém de quem ele gostava tanto, alguém que valia uma viagem tão longa só para uma despedida unilateral. Deixou o vento barulhento entrar e fazer as vezes da FM para afugentar o sono. O frio também contribuía para mantê-lo alerta. Não queria parar antes de estar em casa; antes de estar com quem realmente se importava.

O resto das pessoas mais lhe dava asco do que prazer. Estava cansado de ficar entre estranhos e entre gente que só pensava em objetos, posses e materialismo fútil. Tinha ouvido dois netos da Norata discutindo durante o velório. Falavam de uma casa próxima à represa do Paranapanema. Tentavam combinar com quem ficariam os dois jet skis que a avó mantinha na propriedade. Ela estava deitada no caixão, ainda sendo velada e visitada por uma centena de queridos amigos de toda uma vida, e os babacas ali discutindo o espólio. A maioria dos pesarosos condolentes era de septuagenários como ela, acompanhados por filhos ou netos que observavam — uns sorridentes, outros impacientes — os tantos encontros de parentes. Encontros comuns de cemitério, enquanto prometiam que deveriam se ver, conversar e ligar mais uns para os outros porque ela estava ali, bem perto, pronta para abocanhá-los também. A dona aranha rondava suas casas durante as madrugadas, e eles ficavam mordendo os lábios e piscavam os olhos a cada amanhecer, contentes simplesmente por ainda estarem ali, perambulando pela Terra, agradecidos com o destino que, insensível, brindava-lhes com mais um dia.

Viu as luzes de uma grande cidade surgindo à sua direita. Adorava viajar de carro e, antagônico aos pensamentos que escureciam sua alma naquela jornada, sempre apreciava quando, depois de uma hora completa, tomado pelo breu e pela solidão, conseguia ver sinais de civilização. As luzes amarelas tremeluzentes da iluminação pública iam salpicando e preenchendo o horizonte. Ele sorria enquanto seus olhos vasculhavam, tentando adivinhar se era uma cidade pequena ou grande a que se avizinhava e, por conta disso, só viu o pisca-alerta do caminhão no último segundo. Deu uma guinada feroz para a esquerda e der-

rapou na pista ao tentar trazer a picape de volta ao controle. A freada brusca, dada no susto, não ajudou muito. Sorte dele o avançado da hora e o sistema ABS que o fez parar com relativa segurança na beira da pista contrária. Ficou olhando pelo retrovisor por um instante. O coração disparado, parecendo que ia sair pela goela. Um calor intenso, seguido de calafrio e tremor nas pernas. Saiu da caminhonete com a respiração ofegante, e os dizeres do para-choque do caminhão ainda gravados em sua retina: “Deus ajuda quem cedo madruga”. Debruçou-se na frente do carro e lançou uma golfada de vômito no acostamento de terra. Respirou fundo mais uma vez. Estava indo rápido naquele instante. Sabia muito bem como teria ficado o carro e as possíveis consequências do impacto. Seus olhos se encheram de lágrimas e, num segundo, estava aos prantos, sentado no chão, junto ao pneu dianteiro esquerdo do veículo. Olhou novamente para a pista. Apesar da noite, as estrelas emprestavam um pouco de luz à estrada, e as marcas dos pneus de sua caminhonete atravessando a pista estavam tão evidentes quanto o cheiro de borracha queimada no ar. Aquele rompante lacrimoso durou uns seis minutos, tempo mais do que suficiente para extravasar toda a amargura e a dor que tinha segurado no peito até aquele momento. Durante a viagem de ida e todo o enterro não havia deitado uma lágrima sequer. Por conta disso, não estranhou e, para falar a verdade, sentia-se até melhor e mais confortável agora. Sabia que, cedo ou tarde, explodiria, e nada como um pouco de adrenalina ao ver a morte passar pertinho do seu para-brisa para acelerar o momento mágico e deixá-lo extravasar tudo, ali, sozinho, sem o embaraço de pessoas por perto perguntando a todo instante se ele estava bem. Sentou-se no carro, o motor ainda funcionando. Engatou a marcha e retornou para a pista. O que teria acontecido com o caminhão? Era um daqueles modelos modernos, todo equipado com aparelhos de rastreamento via satélite e antenas, que parecia poder sair dali sozinho, sem motorista nem nada. Vê-lo ali, parado, fora de um posto de serviços, vulnerável, àquela hora da noite era bem esquisito.

No quinto minuto, ainda revivendo o ocorrido, avistou, no fim de uma longa descida, outro caminhão enorme daqueles, com as torres de antenas de satélite formando um semicírculo branco no topo do cavalo, parado à beira da pista, já que naquele trecho não existia um acostamento decente. O veículo era um dos grandes, um treminhão, carregado de cana, com as luzes alaranjadas do pisca-alerta dardejando pelo asfalto. Desviou-se com boa antecedência dessa vez; um sorriso nervoso brotando no rosto. Passou devagar olhando para dentro da boleia e viu o motorista com um celular no ouvido. Acelerou e pegou uma subida longa. Avistou uma placa indicando o limite do município de Angatuba e, então, outro caminhão parado na pista, na contramão. Parecia ser o dia nacional do azar do caminhoneiro.

Ao passar pelo trevo de Angatuba seus olhos pesaram de verdade, pela primeira vez. Estava cansado. Verdadeiramente cansado. Ali a estrada convergia para um trecho mais seguro, duas pistas com canteiro central. Essa nova tranquilidade ajudava a monotonia. Antes que batesse e capotasse, decidiu encostar no primeiro posto de gasolina com restaurante que encontrasse na estrada. Abriu novamente os vidros da frente para que o vento voltasse a mantê-lo desperto. Notou relâmpagos silenciosos iluminando as nuvens. Um cheiro diferente vinha do ar; um cheiro adocicado. Seus olhos mais uma vez convergiram para o acostamento. Agora um sedã Mercedes-Benz estava ali, parado, com o pisca-alerta acionado. Não cogitou reduzir a velocidade. Ouvia cada história sobre violência nas estradas. Adorava viajar de madrugada, mas era justamente nesse horário que arapucas eram montadas para apanhar os mais incautos. De toda forma, não havia ninguém na pista acenando, pedindo auxílio. Só notou os vidros negros, fechados, e o carro parado, vítima de algum tipo de pane. Então, de uma curva à frente surgiu outro caminhão na pista do lado oposto. Pisca-alerta. Alguma coisa estava acontecendo. Não era possível tantos carros darem pane numa estrada de pista boa. Ato reflexo, sua mão direita pressionou o comando do rádio no volante. Talvez alguma rádio de notícias pudesse elucidar aquele estranho fenômeno. Ouviria algo como uma tempestade solar causando distúrbios naquelas máquinas de última geração que funcionavam com sistema auxiliar de navegação. No rádio, o chiado da estática. Selecionou a busca automática no dial. Chiado. Balançou a cabeça negativamente, tentando imaginar outra razão para tantos caminhões parados. Chegou a imaginar que talvez fosse o início de uma greve, mas daí o sedã não se encaixaria. Aventava hipóteses quando as luzes de um grande posto de gasolina surgiram à sua direita. Deu seta e apontou para a entrada, seguindo em direção às bombas. Mais um pouco e estaria na reserva. Encostou e desceu, espichando novamente as pernas. O frentista veio ao seu encontro.

— O que vai ser, doutor?

— Completa pra mim, rapaz.

— Vai pagar no dinheiro ou no cartão?

— Crédito.

— Vixe! Desculpa, mas hoje o senhor tá sem crédito um tiquinho, doutor.

As máquinas tão tudo travada, não tá passando nada. Necas.

— Amex?

— Nem Amex, nem Master, nem Visa. Nem mãe de santo dá jeito.

— Tem Banco 24 Horas lá dentro? — perguntou, apontando para o restaurante.

— Ah, tem, sim.

— E café?

— Tem um tiquinho — respondeu o frentista, sorrindo.

— Completa o tanque que já trago o dinheiro.

Ele bateu a mão no bolso do paletó negro e tirou um maço de cigarros. Levou-o mecanicamente até a boca e um segundo depois já estava com um deles aceso, espalhando um adocicado cheiro de cravo no ar. Caminhou até perto da entrada envidraçada da loja e mandou um olhar para dentro do restaurante-loja-de-tudo-o-que-é conveniência e viu o caixa 24 horas. Pelo menos não ia ficar sem gasolina. Tragou longamente o cigarro. Não sabia exatamente o porquê, talvez a fina que tinha tirado do para-choque do caminhão, talvez a cena repetida de caminhões enguiçados, mas alguma coisa o tinha deixado nervoso, ansioso, na verdade. A nicotina logo bateria no seu cérebro e traria um pouco de alívio para aquela tensão toda. Resolveu ficar ali fora, aproveitando o vento fresco da madrugada e esticando os músculos, exercitando o controle da respiração e saboreando a brisa fria até que o cigarro terminasse. Batia as cinzas quando um grito de mulher chamou a sua atenção. Virou-se e viu um Fiat Uno arrancando do estacionamento e pegando a estrada, já totalmente acelerado, obrigando um caminhão embalado a buzinar e a frear, levantando uma nuvem de fumaça com cheiro de borracha queimada. Encolheu os ombros, aflito, esperando o pior. Gente doida. O desastre foi evitado e o caminhão voltou à sua marcha na madrugada. Notou que o pátio apresentava um vaivém incomum de automóveis. Não que fosse um conhecedor da região, mas uns quatro carros estavam parados fora das vagas, e havia espaço suficiente para estarem ordeiramente estacionados em lugares demarcados. Ao menos um deles estava com o motor ligado. Pessoas falavam em voz alta dentro dos veículos. Viu uma garota de uns onze anos passar ao seu lado, chorando, e entrar na loja de conveniência. Lá dentro, um homem a abraçou e acariciou sua cabeça. O homem parecia chorar também. A soma de todos aqueles indícios de coisas fora do lugar formava uma cena um tanto caótica para uma parada no meio de uma estrada que tinha estado praticamente deserta na última hora e meia. Olhou para o relógio. Três e meia da manhã. Pegou o celular no bolso da calça enquanto esfregava o sapato de couro preto na panturrilha para recuperar o lustro. Digitou a tecla três, atalho para sua casa. Um chiado. Esperou. Nada. Olhou para o display do aparelho. Sem sinal.

— Merda! Ela pode ter ligado — disse baixinho.

Guardou o celular, dando algumas tragadas rápidas. Cofiou o cavanhaque por um instante, ainda meio que tomado pelo estado letárgico que o mantivera mais ou menos no automático naquele dia inteiro. Para dizer a verdade, esse modo automático tinha começado assim que se sentou no carro em direção a Palmital, levando pouco mais que uma cueca na mochila. Ligou para a secretária desmarcar todos os horários. Falou cerca de meia hora com Débora

sobre a viagem, sentado numa mesa do Fran's Café perto do trabalho dela, e então, já dentro do seu terno enlutado, partiu rumo ao interior do estado de São Paulo, deixando a Baixada Santista para trás. Débora não ralhou nem um pouco. Era por isso que gostava dela. Era independente e segura demais de si para se importar. Não entendia por que ele tinha feito aquela promessa para uma senhora que poderia ser chamada de estranha, entendia muito menos por se tratar de uma promessa tão mórbida. A decisão de comparecer ao enterro de Norata tinha a ver com isso, um compromisso assumido na beira de um leito. E ela sabia que ele iria até o funeral dela fosse onde fosse. Ela não tinha a menor dúvida de que, se a boa senhora fosse enterrada em Marte, seu noivo estaria lá. Ele coçou o cotovelo pensando um pouco sobre isso. Compromissos, Norata e Débora, enquanto caminhava até o banheiro masculino. Deu uma boa e demorada aliviada com o cigarro pendendo em seus lábios e depois parou em frente ao espelho enquanto lavava as mãos. Estava um lixo. Um lixo por inteiro. Não eram só seus olhos que denunciavam o sono. Seu rosto todo estava despencando de cansaço e sendo carcomido por uma tristeza patológica. Essa luta nunca iria acabar, ele sabia muito bem disso. Tinha sido assim com sua mãe. Morreu de tristeza. Ele ainda encontrava refúgio nas drogas farmacológicas que manipulavam as emoções e enganavam quimicamente seu cérebro, ajudando-o a seguir em frente. Deixou a água escorrer por mais de um minuto. Então, apagou o cigarro e jogou a bituca no lixo. Encheu as mãos e esfregou a água gelada no rosto. Pensou em encostar a caminhonete ali no estacionamento e tirar um bom cochilo. Espaço no banco de trás não faltava. Uma boa dormida e depois seguir viagem. Era o mais sensato a fazer. Saindo do banheiro trombou com um rapaz de uns dezessete anos que reclamava com o pai, que vinha logo atrás. Falavam algo sobre a necessidade de ter ligado mais cedo, que ali não tinha sinal algum. Continuou andando até chegar ao restaurante. Existia certa tensão pairando. Pessoas reunidas na frente do aparelho de TV ligado que transmitia chuviscos. Alguém falava que, quando vinha tempestade, às vezes os canais ficavam fora do ar. Mas o fato é que só havia relâmpagos no céu, nem uma gota de chuva ainda. Caminhou até o caixa eletrônico. Um sujeito baixinho, de boné, estava lá, batendo a mão fechada contra o teclado da máquina.

— Nem adianta, boy. Essa porcaria tá zoada — resmungou o baixinho.

Olhou pela enorme fachada de vidro do restaurante e disparou para fora. O frentista já estava abastecendo sua picape e sabia que estava sem dinheiro vivo no bolso.

— Pode parar! — berrou. — O caixa eletrônico não está funcionando.

— Vixe, doutor! Então lascou.

— Colocou um tiquinho?

— Não. Tá quase cheio agora.

— Merda!

Ele entrou na caminhonete e olhou tanto no porta-luvas como nos porta-trecos espalhados pela cabine, juntando algumas notas de trocos antigos abandonadas no veículo.

— Saco!

Conseguiu juntar uma boa grana, mas não daria para pagar nem metade do tanque.

— O senhor tem cheque?

— Não uso mais cheque, amigo. Faz uns três anos.

— O senhor não é daqui, não é?

— Não. Sou de Santos.

— Olha, fala com aquela mocinha. Ela é a gerente. Esse problema com as maquininhas costuma passar logo, mas já faz mais de duas horas que travou tudo.

— Hum. — Fechou a porta da cabine. — Tá. É o jeito. Talvez volte logo.

Tirou o maço de cigarros do bolso novamente. Já ia acendê-lo quando a voz de uma mulher, aos prantos, chegou aos seus ouvidos. A mulher estava de costas para eles, afastando-se de uma Quantum com os braços estendidos.

Ela trocou um olhar com o frentista, que se adiantou.

— Dona, o que aconteceu?

Do jeito que ela apontava para o carro, enquanto se aproximava do frentista, teve a impressão de que veria alguém esquartejado no banco de trás do veículo. A mulher estava em choque. Que diabos estava acontecendo naquele posto de gasolina à beira da estrada?

— Eles morreram! Me ajudem, pelo amor de Deus!

— Qual o seu nome, senhora?

Foi a primeira vez que ela se virou para os dois homens. Ela tremia. Olhou para o homem de cavanhaque que se aproximava dela. Ele tinha o rosto fino e o nariz pontudo, e feições ligeiramente familiares. Ela olhou para dentro do carro mais uma vez.

— Meu nome é Corina. Eles estavam dormindo quando eu parei pra usar o banheiro. Eles queriam comer... Eles estavam apenas dormindo enquanto eu alcançava um restaurante. Acho que minha família está morta!

— Posso ver? Meu nome é Francis, eu sou médico.

A mulher não falou nada, saindo da frente imediatamente. No estado psicológico em que se encontrava, até mesmo para uma benzedeira ela daria passagem, esperançosa. Estava nervosa. Não tinha ideia do que havia acontecido à sua família.

Francis se aproximou da porta traseira da Quantum. Dois garotos aparentemente adormecidos. Levou a mão ao pescoço do primeiro. Parecia ter uns catorze anos, e o outro, uns dezoito. Jovens, aparência saudável. A pulsação de ambos estava fraca, a respiração igualmente débil era preocupante; contudo, es-

tavam vivos. Francis foi até o banco do passageiro. O marido da mulher também estava apagado. Mesma coisa. Pulso quase imperceptível e respiração mínima. Precisavam de cuidados imediatos. Estavam num tipo de coma, e essa situação era sempre imprevisível. Poderiam ter um colapso respiratório a qualquer momento.

Francis viu a mulher segurando uma garrafinha d'água.

— Me empresta?

A mulher entregou-a para Francis.

— Eles... Eles... — gaguejou Corina, incapaz de completar a pergunta.

— Estão vivos, senhora.

Ele derramou um pouco do líquido no rosto do homem. Nada. Nenhuma reação. Ergueu a pálpebra do outro e retirou o chaveiro da sua Toyota do bolso. Acionou um botãozinho que fazia as vezes de lanterna. A pupila se fechou e, ao movimento leve do dedo do médico, o olho acompanhou. Isso dizia que, além de vivo, o cérebro também parecia funcionar.

— A senhora sentiu algum desconforto antes de chegar aqui?

— A bexiga cheia, só isso. Tava doida pra fazer xixi, daí parei. Senão, nem teria percebido eles assim, pensei que estavam dor...

— Não. Não é disso que estou falando. A senhora sentiu falta de ar, tontura, náusea?

— Não, nada. Nadinha.

— Jantaram juntos? Faz quantas horas?

— Acha que pode ter sido a comida?

— Pode ter sido um monte de coisas, dona. O que não podemos é ficar parados aqui. Temos que ir para um hospital, urgente. Estão vivos, mas com os sinais vitais bem reduzidos.

— Ai, meu Deus! Meu Deus! A gente parou para comer três horas atrás. Os meninos queriam parar de novo. Você sabe como eles são umas limas nessa idade.

— Poderia ter sido um vazamento de monóxido de carbono do motor para dentro do carro, mas a senhora também teria sentido alguma coisa ou, pior, desmaiado ao volante. Por isso, cogito intoxicação alimentar. Mas é difícil evoluir igual para três elementos com idades e tamanhos diferentes, ainda mais de forma tão semelhante e tão rápida. Eles teriam reclamado de desconforto, dor ou dificuldade para respirar.

— Comemos todos juntos. Eu não estou sentindo nada.

— O pai tem alergia a algum alimento? Os filhos podem compartilhar, e a senhora, não.

— Os meninos são do meu primeiro casamento. Ele não é pai deles. Pai biológico, quero dizer... É um ótimo pai.

Francis coçou a cabeça. Era estranho.

— Mesmo assim, precisamos ir voando para um hospital. A senhora tem Sem Parar?

— Tenho.

— Doutor, desculpa cortar um bocadinho, mas... e a gasolina? — interveio o frentista.

— Toma, fica com a chave do meu carro. Vou ajudá-los e volto assim que eles estiverem internados. Pode ser grave.

O frentista ficou com cara de tacho para trás, enquanto Francis empurrou o garoto menor para o meio e se enfiava no carro.

— Acabamos de passar por uma cidade. Angatuba. Podemos encontrar uma Santa Casa por lá. É nossa melhor chance. Aqui não tenho meios pra ajudar, mas lá teremos mais ferramentas para descobrir o que está acontecendo.

A Quantum arrancou do estacionamento e ganhou a rodovia num instante. A mulher ia com os faróis altos. Tinha parado de tremer e parecia confortada com a sorte de estar acompanhada por um médico naquele momento tão terrível. Intoxicação alimentar? Não parecia o caso, mas ele, ao menos, tinha apontado alguns caminhos que poderiam esclarecer a tenebrosa coincidência que colocava as três pessoas que mais amava na vida naquela situação inesperada.

Quando alcançaram a praça do pedágio, encontraram mais carros parados no acostamento com os pisca-alertas ligados, capôs levantados. À direita, na cancela do Sem Parar, uma fila com duas dúzias de veículos empacados.

— Pega a normal mesmo, Corina. Vamos perder muito tempo nessa cancela.

— O que está acontecendo com todos esses carros? E no Sem Parar nunca tem fila.

— Tem algo de estranho acontecendo essa noite, dona. Meu celular está sem sinal, os cartões estão fora do ar, o banco não estava funcionando, o rádio da minha picape só dá chiado. Não duvido que eles tenham problemas dessa ordem.

— Cadeia de sistemas de comunicação.

— O quê?

A mulher repetiu a frase. Como Francis ficou calado, ela completou:

— São problemas na cadeia de sistemas de comunicação, é coisa rara.

— Raro nada. Vira e mexe meu celular fica sem sinal na estrada.

— O que estou dizendo é que é raro você não conseguir usar o seu cartão, o seu banco, o Sem Parar.

— E tem o rádio também. Não esqueça.

Corina pressionou um botão no painel. O display de um aparelho de rádio e CD acendeu. Francis sorriu quando a música do Plantação estourou na cabine. Funcionava!

— Desculpe, doutor. Meus filhos são doidos por essa banda.

— E quem não é?

A mulher apertou outro botão e o CD escapou pela boca do aparelho. Daí veio o chiado. A mulher ainda girou o dial. Estática em todas as estações, o que desapontou o médico.

— Esquisito isso, a senhora não acha?

— Aqui o rádio não é exatamente uma beleza.

— Mas pelo menos uma estação local estaria recebendo.

— Pois é, como eu disse, apagão na cadeia de sistemas de comunicação. Foi minha tese de doutorado. Coisa rara quando toda a cadeia se quebra. É um cenário típico de ataque de hackers ou dos tão em moda terroristas cibernéticos.

— Ah! Então a senhora também é uma doutora?

— Sim. Doutora em telecomunicações, esposa, ex-esposa, mãe e veterinária nas horas vagas. Temos dois gatos velhos em casa.

Corina conduziu o carro através do quarto guichê, baixou o vidro elétrico e notou que os carros da frente mal paravam, passando rapidamente. Na sua vez, a garota do guichê foi logo avisando para passar sem pagamento, o sistema operacional estava fora do ar. Do outro lado do pedágio, tomaram o rumo da cidade.

— Coisa rara — repetiu Corina. — Até as rádios estão fora do ar. Como conseguiram isso?

A placa na beira da estrada indicava que a cidade estava a vinte quilômetros dali.

Corina chegou ao hospital com certa facilidade. Conhecia um pouco Angatuba por conta de um namorado da adolescência. As ruas permaneciam as mesmas, assim como o ar interiorano impregnado em cada esquina. Parou bem na porta do pronto-socorro. Duas ambulâncias estavam ali, com o giroflex ligado.

Francis saltou para fora rapidamente.

— Vamos ver se conseguimos cadeiras de rodas ou macas para eles. São pesados demais pra gente carregar. Olhe-os aqui, que eu trago ajuda.

Adentrou o edifício. De cara notou que estava um tanto cheio para um pronto-socorro de uma cidade daquele porte. Uma movimentação frenética de enfermeiras e uma fila grande de gente impaciente se acotovelando no balcão da recepção. Não estava certo se tinha o luxo desse tempo todo. Segurou pelo braço uma enfermeira que passava e pediu uma cadeira de rodas.

— O senhor já preencheu a ficha na recepção?

— Qual recepção, aquela ali infestada de gente brava?

A enfermeira se desvencilhou da mão de Francis.

— Essa mesma. É a única que temos, e o senhor vai ter que esperar. Isso aqui está um inferno.

— Fora da rotina?

— Sim, senhor. O doutor Braga acha que é um surto.

— Surto? Surto de quê?

— Ainda não sabemos, senhor. Pode ser algum alimento estragado. As pessoas estão chegando aqui...

— Comatosas.

— É.

Francis viu Corina se aproximando, aflita, esfregando as mãos.

— Quem é o responsável pelo plantão?

— Doutor Sérgio Braga. Agora me dá licença que eu estou levando esses exames para o laboratório.

Francis deixou a enfermeira seguir seu rumo, olhou para Corina e depois para o corredor entupido de pacientes.

— Espere aqui. Eu já volto.

Corina viu o médico entrar no corredor e sumir por uma porta vaivém.

No setor do pronto-socorro, Francis caminhou em passos lentos, vendo os colegas atenderem pessoas apagadas, deitadas nas macas e camas hospitalares. Apesar de a cidade ser pequena, o hospital de emergência parecia bem estruturado. O problema é que a equipe de plantão jamais daria conta de um evento inesperado como aquele. Uma médica mais alta que Francis verificava a temperatura de uma velhinha no leito. Francis sorriu, pois essa era a sua especialidade. A médica era alta e encorpada, uma mulher forte. Tinha o cabelo preso num coque bagunçado, o que deixava claro que já enfrentava o plantão havia horas, e que aquela quantidade de gente precisando de assistência não estava nos seus planos. Ela conferiu a temperatura e fez uma anotação na prancheta.

— Olá.

— Oi — respondeu a médica sem tirar os olhos da prancheta.

— Meu nome é Francis, e eu sou médico, geriatra.

— Olá, doutor. A que devemos a visita?

— Tenho três pessoas no carro do mesmo jeito. Posso trazê-las para cá?

A médica suspirou. Tirou os óculos um instante e sentou numa cadeira junto a uma mesa metálica.

— Pode, Francis. Pode trazê-los para cá, desde que você cuide deles.

— Cansada, né?

— O Braga já tinha chegado para me render. Eu já estava com o pé na porta indo pra casa quando o primeiro adormecido chegou.

— Adormecido?

— É. É como estamos chamando essa gente. Parecem só estar dormindo.

Francis balançou a cabeça por alguns segundos, olhando para a septuagenária deitada na cama, que dormia e vivia um lindo sonho.

— Já volto com eles.

Francis apanhou uma cadeira de rodas ao lado do leito e saiu para a recepção. Corina, de olhos arregalados e aflita, aguardava parada no exato ponto onde fora deixada. Antes de chegarem à porta, uma turma de adolescentes entrou trazendo dois homens adormecidos. Foi a vez de Francis suspirar. Nunca tinha visto uma coisa como aquela.

— Você é aquele médico da TV, não é?

Francis foi pego de surpresa pela pergunta feita de forma tão espontânea, ali, no meio do salão, num tom bastante distante do adotado por aquelas pessoas aflitas. Ao virar-se, encontrou o rosto sorridente da enfermeira que tinha corrido ao laboratório com uma pilha de exames de sangue.

— É você mesmo, o médico que cuidava do asilo, não é?

— Sou eu, sim.

A enfermeira abriu ainda mais o sorriso e bateu palminhas como uma adolescente de frente para um popstar. Olhando para Corina, que acompanhava a conversa de sobranceiras erguidas, buscou suporte para o seu surto de tietagem. No entanto, Corina estava apreensiva demais para bater palmas e saltitar. Não que ela também não tivesse experimentado uma sensação de déjà-vu em um ou outro momento na companhia do médico, só não havia encontrado a oportunidade apropriada para falar sobre amenidades, sem parecer esquisita, enquanto seus dois filhos e seu marido estavam misteriosamente apagados no carro. E era neles que pensava agora, vendo aquele jeito besta da enfermeira, ocupando o “seu” médico, bem no meio da ajuda providencial dada à sua família.

— Que ótimo que o senhor parou com aquela maluquice de greve de fome! Tá muito melhor agora, mais fortinho — continuou a empolgada enfermeira, até apertando a bochecha de Francis como uma avó faria com um netinho.

Francis riu do comentário e repeliu a mão da enfermeira. Não era a primeira vez que ouvia aquilo.

— Foi um jeito extremo de ser ouvido em prol dos meus pacientes.

— Foi lindo o que você fez, doutor Francis. Pouca gente tem essa obstinação, essa tenacidade comovente e tão altruísta.

Francis olhou para Corina e sorriu para a mulher.

— É verdade. E, já que você entrou na conversa, vamos lá cuidar da sua família.

A enfermeira sorridente fez um sinal para eles esperarem, entrou no corredor do pronto atendimento e voltou com outra cadeira.

— O que a fama não faz, hein, doutor? — brincou Corina, empurrando a nova cadeira.

O trio foi para o estacionamento em direção à Santana Quantum. A mãe tomou a frente e correu para abrir a porta traseira esquerda a fim de liberar os filhos primeiro.

Francis e a enfermeira se adiantaram, mais acostumados em transferir pacientes inconscientes de lá para cá. Corina, agoniada, passou por trás do carro e abriu a porta do outro lado, olhando para o filho mais novo. Nenhum sinal de melhora. Continuava como o irmão e o padrasto, num apagão absoluto. Não conteve a lágrima que desceu pelo rosto, enquanto aflagava os cabelos ondulados do filho. Levantou-se e inspirou fundo o ar frio da noite. Virou a cabeça para o restante do estacionamento, quando ouviu o motor de mais um veículo se aproximando. Uma picape velha de cor laranja desbotada parou atrás de uma das ambulâncias que permaneciam estacionadas, com as luzes ligadas e girando. O estacionamento estava ficando cheio.

Os garotos, apesar de magros, eram altos e deram um trabalhão danado para Francis e a enfermeira Flávia. Francis tinha descoberto o nome dela por meio do crachá que surgira em seu peito, em algum momento entre o segundo esbarrão na recepção e o auxílio com os pacientes no estacionamento. O chão de pedriscos também não ajudou. Mesmo com Corina auxiliando a enfermeira, foi preciso muito esforço para empurrar a cadeira de rodas que levava Rafael, o mais velho, com dezoito anos e um metro e noventa, pelo chão de cimento queimado da frente do hospital. Francis conseguiu sozinho trazer Henrique, o mais novo, mas quando chegou ao chão liso o suor já lhe brotava na testa. Por um instante, Corina ficou em dúvida se ficava ali com o marido, apagado, ou se seguia com os filhos, mas, vendo a dificuldade da prestativa Flávia, acabou ajudando a enfermeira. Quando adentraram a recepção, os ânimos estavam ainda mais exaltados. Uma gritaria no balcão por conta da demora no atendimento. Um médico dava explicações.

— Esse é o doutor Sérgio Braga, o responsável — explicou Flávia para Francis.

— Eu sei que todo mundo está nervoso e preocupado com os parentes aqui! — gritava o médico, tentando pôr ordem no tumulto. — Eu também estou bastante preocupado. Minha esposa está aí dentro com um monte de gente.

— Mas, doutor, eu estou aqui já faz quarenta minutos e ninguém veio ver meu filho! — gritou um homem de pele queimada de sol e roupas humildes de roceiro. — Ele tá que parece morto.

— Esperem eu explicar o que está acontecendo. Daí vou dar um jeito de conversar e atender todo mundo!

— Tem mais dois aqui, doutor! — foi a vez de Flávia se intrometer.

O responsável pelo pronto-socorro lançou um olhar duro para a enfermeira. Levantou as mãos pedindo calma. O grupo de mais ou menos quinze pessoas agitadas fez silêncio. O doutor Sérgio Braga apontou para os dois garotos nas cadeiras de rodas guiadas pela enfermeira e por Francis.

— Vejam! Pessoas precisando de atendimento não param de chegar. Nós já estamos além de nossa capacidade faz tempo. Ainda não sabemos o que está acontecendo, ok?

O zum-zum-zum recomeçou, e o médico ergueu as mãos de novo.

— Só para vocês entenderem um pouquinho, até agora ninguém morreu disso. Um senhor já está melhor. Não sabemos o que é. Tudo indica que seja algum tipo de intoxicação. Pode ser mil coisas. Já estamos fazendo exames, e todos os resultados que recebemos até agora estão normais, ou seja, as pessoas não estão com infecção ou com alteração no sangue. Parece que é algo passageiro. Não posso afirmar nada ainda, mas parece que isso vai passar de maneira tão repentina quanto começou. Vocês precisam colaborar. Esperem com seus parentes aqui, porque eles não estão morrendo.

O alvoroço não parou, e o médico precisou erguer os braços mais uma vez.

— Estamos sem telefone e sem celular aqui na cidade. Assim que as linhas se normalizarem eu...

— Itapetininga também está sem telefone e sem rádio — interveio o motorista do Sistema de Atendimento Móvel de Emergência em seu uniforme azul.

— Enfim, quando tivermos as linhas funcionando vamos buscar na capital mais informações sobre essa possível epidemia.

O médico baixou os braços e pediu licença, retirando-se e tomando o rumo do corredor de acesso ao pronto-socorro. O grupo pareceu ter arrefecido os ânimos, pelo menos por um instante, até que Flávia, Corina e Francis seguiram com os garotos para o corredor da emergência, furando a fila de atendimento. Lá dentro, Flávia procurou por leitos desocupados, porém não existia mais lugar apropriado para ninguém.

— Acho que daqui a pouco algumas dessas pessoas adormecidas precisarão passar para a internação, doutor, lá em cima tem mais leitos. Mas tem essa parte da burocracia, né?

— Tem algum hospital particular por aqui? — perguntou Corina. — Eu tenho plano de saúde.

— Só esse aqui mesmo, senhora. O hospital particular ainda não ficou pronto.

Flávia continuou empurrando a cadeira de rodas e levou Rafael até uma sala ampla onde faziam a medicação mais lenta. Ali existiam robustas cadeiras reclináveis acolchoadas para acompanhantes.

— Bem, não é a melhor coisa do mundo, mas é nossa melhor opção — disse a enfermeira.

Francis e Corina ajudaram a acomodar Rafael na longa cadeira, bem mais confortável que a de rodas. Corina conduziu seu caçula para outro assento e foi ajudada pelo médico.

— Flávia?

O trio se virou para a porta. Era o doutor Sérgio Braga. Ele tinha um olhar severo para a enfermeira.

— O que está acontecendo aqui? Com a autorização de quem está acolhendo pacientes na sala de medicação?

— Doutor Sérgio, este aqui é o doutor Francis, da televisão. Lembra dele?

Francis estendeu a mão, constrangido pela alcunha “da televisão”, cumprimentando o colega, que retribuiu mecanicamente, ainda contrariado.

— Aquele da greve de fome, que salvou um asilo de velhinhos em Santos.

— Ah! O famoso geriatra — tartamudeou o responsável pelo pronto-socorro.

— Desculpe invadir seu hospital, doutor Sérgio, mas eu estava na rodovia quando fui abordado por esta senhora. Ela encostou no posto de gasolina e notou que os dois filhos e o marido estavam assim, creio que em Glasgow 3.

— Certo. Os dois primeiros que chegaram foram intubados e, apesar de os parentes não relatarem trauma nem alterações recentes registradas, mandei-os para tomografia e radiografia, pedi os exames de rotina para trauma, assim como eletroencefalograma e eletrocardiograma. Contudo, apesar da aparência de um estado grave, nenhum deles teve qualquer piora ou oscilação no quadro. Ao que parece, todos que entram estão num quadro estável.

— Preocupou-me muito a respiração reduzida.

— Acompanhe-me, doutor Francis.

Francis seguiu o médico até o corredor, deixando os garotos com Corina e Flávia; a enfermeira saberia acomodar os pacientes por enquanto.

Sérgio começou a andar e a falar num tom mais baixo, como se estivesse prestes a revelar um grande segredo.

— Como eu disse, os nossos dois primeiros foram assim, sem alteração alguma. — O médico parou e pressionou o botão do elevador. — Eles chegaram pouco depois da meia-noite. — Olhou para o seu relógio de pulso. — Agora são quatro e meia da manhã, então estamos falando de algo em torno de quatro horas atrás.

— Certo.

— Antes das duas da manhã já estávamos atendendo dez casos desse tipo. Às três eu estava que nem um doido tentando entrar em contato com tudo que é hospital grande da região, mas, sem telefone e sem internet, estamos aqui, ilhados. Nem pelo rádio da ambulância ou da polícia conseguimos qualquer contato.

Francis ouvia atentamente; a voz do médico evocava agora uma importância misteriosa, naquele tom que antecede sombrias revelações.

— Às três da manhã passava de vinte e um casos. Todos exatamente iguais.

As portas dos elevadores se abriram. Os médicos entraram, e o responsável pelo pronto-socorro pressionou o botão do segundo andar.

— Minha primeira suspeita ao ver os casos chegando e aumentando no meu pronto-socorro foi de alguma perturbação metabólica.

— Por intoxicação.

— Exato, doutor Francis. Fora dois casos dos que tive contato, eram todos pacientes saudáveis, jovens, ativos, sem histórico na família de narcolepsia. Infelizmente os equipamentos de ressonância e tomografia não estão funcionando, estão com algum defeito, e espero que o técnico venha amanhã solucionar isso para fazermos uma investigação profunda nesses pacientes. Pelo exame clínico parece que não existe dano extenso neurológico, mas essa perturbação é o suficiente para deixá-los numa situação perigosa, limítrofe.

— Exames de sangue apontam para alguma direção?

— Não. Até agora estão normais. Estou me sentindo num episódio de *House*.

As portas do elevador se abriram, e os médicos tomaram o corredor. Sérgio segurou Francis pelo ombro, obrigando-o a parar. Francis olhou para o lado e viu uma porta dupla branca, com as letras UTI estampadas na madeira.

— Um dos socorristas do Samu fez um comentário que me botou para pensar. No primeiro segundo você vai achar estapafúrdia demais essa hipótese, mas ela é tão simples que faz sentido.

— Qual hipótese?

— Envenenamento.

— Mas como? São dezenas de pessoas aqui neste hospital, talvez haja mais gente na mesma situação nas cidades vizinhas. É uma área muito extensa, peguei aqueles dois há uns trinta quilômetros daqui... o senhor não está...

— Estou. Estou supondo que fomos atacados.

— A troco de quê? Se fosse um ataque terrorista seria numa capital, não aqui no meio do nada, me desculpe a franqueza.

— Hahahaha! Não precisa se desculpar, amigo. Faz sentido a sua análise, mas quais respostas podemos obter? Para algo maciço, dessa envergadura, só pode ser um ataque.

— Jesus.

— O rapaz do Samu disse que, por volta da meia-noite, uma luz estranha brilhou no céu. Disse que parecia um avião muito grande, ficou na dúvida se era um relâmpago e, daí, ouviu um grande estrondo.

— Verdade. Verdade. Eu estava longe daqui ainda, na estrada, e também ouvi um estrondo.

Sérgio passou a mão pelo rosto, visivelmente transtornado.

— Longe o quanto?

— Não sei precisar. Estava chegando em Ourinhos.

— Ourinhos... são quase 200 quilômetros.

— É uma distância impossível para estarmos falando do mesmo estrondo, do mesmo barulho.

— Um ataque explicaria também os telefones, celulares e televisões fora do ar.

— Os caixas eletrônicos também estão inoperantes. Isso é um quadro de queda da cadeia de sistemas de telecomunicação.

— Um ataque poderia ter lançado algum tipo de gás.

— Mas como um gás afetaria só uma parte das pessoas? E de forma tão homogênea? Elas estão todas num mesmo grau de afundamento de consciência. Não tem diferença entre elas; um estaria vomitando, outro desmaiando e outro tendo irritação na pele.

Sérgio fez um sinal para Francis acompanhá-lo até a UTI. Ao atravessarem a porta dupla, pararam em frente a um grande vidro. Os pacientes em cuidado intensivo estavam sendo atendidos por outros médicos e enfermeiras, que executavam suas funções tranquilamente, alheios à bagunça do andar do pronto-socorro.

— O garoto do Samu ainda disse ter sentido um cheiro adocicado, como um perfume barato, empestecendo o ar. Isso te lembra alguma coisa, algum agente que pudesse colocar as pessoas num coma induzido?

Francis balançou a cabeça negando, não lhe ocorria nada. Os gases tóxicos mais conhecidos levariam a estados muito mais complicados que aquele. Fez uma cara estranha ao se lembrar de que também tinha sentido um cheiro no ar.

— O que foi?

— O cheiro, eu senti um aroma doce também quando vi as luzes no céu. As luzes pareciam relâmpagos. Não vi nenhum avião, mas o cheiro adocicado veio forte.

— Parece que tem chumbo grosso vindo aí.

Os dois ficaram calados um momento.

— Sérgio, desculpe, mas primeiro você tem que descartar as hipóteses mais próximas da realidade.

— Eu te adverti que no primeiro instante ia me achar um maluco.

— Não, não estou te achando doido, não. Só acho que pode ser alguma intoxicação ligada a algo mais comum. Um vazamento de gás. Contaminação da água da rede pública. Algo assim.

— Qual gás que você conhece que provoca essa reação em massa?

— Precisamos de alguém da Defesa Civil envolvido no atendimento. Certamente eles têm algum especialista que poderá nos orientar.

— Difícil é dispor de algum funcionário só para ir até a prefeitura para acionar alguém da Defesa Civil. Sem celular isso está ficando pior que o inferno.

— Pode ser algum alimento. Alguma cantina móvel servindo comida estragada em algum evento grande que esteja acontecendo na cidade.

— Aqui é uma cidade pequena, doutor. Não tem show nenhum acontecendo nessas bandas por esses dias.

— Indústrias de produtos químicos?

— Só em Itapeva e Itapetininga.

A cabeça de Francis estava a mil por hora. Era uma epidemia, todos os pacientes comatosos afetados da mesma maneira. Tinha que haver uma explicação mais plausível do que um ataque químico.

— O pior é que isso não é tudo — resmungou Sérgio. — Lá pela uma e meia da manhã a doutora Helena me chamou aqui. Tá vendo aquela baixinha bundudinha, de cabelos curtos?

Francis olhou para a colega de avental branco e salto alto. Realmente tinha um corpo atraente. Mas aonde o médico queria chegar com aquela conversa?

— Ela ligou no ramal do pronto-socorro para eu subir. Aquela senhora na cama da ponta. Está vendo?

— Sim.

— Ela teve morte encefálica ontem pela manhã. Uma tristeza. É uma senhora de oitenta e quatro anos. Deu entrada, há duas semanas, com parada cardíaca em consequência de um acidente vascular cerebral isquêmico. Respondeu às manobras de reanimação cardiopulmonar, e estabilizamos os batimentos, mas, enfim, o edema cerebral no hemisfério direito foi muito extenso e se mostrou degenerativo e irreversível. A atividade vinha se deteriorando e, ontem pela manhã, confirmou-se a morte encefálica. Como ela é avó da nossa prefeita e por conta da burocracia, mantivemos os aparelhos ligados.

— Entendo.

— Quero que você saiba que a doutora Helena nunca, mas nunca mesmo, se enganou num caso desses. Ela é uma neurologista muito competente.

— Hum.

— Quando ela me ligou, à uma e meia, pediu para eu subir até aqui. A paciente com morte cerebral estava de olhos abertos.

Francis continuou calado.

— É muita coisa esquisita acontecendo em uma madrugada só, concorda?

A médica olhou pelo vidro e acenou para o colega. Logo saiu por uma porta lateral e veio apressada em direção aos dois.

— Estava contando aqui para o colega de Santos o caso da dona Ercy.

— Você não é o...

Francis estendeu a mão.

— Sou eu, sim.

A médica abriu um sorriso largo e olhou para Sérgio.

— Estamos tendo uma noite agitada, não é, doutor? Até celebridades estão aparecendo aqui.

— Sem sombra de dúvidas.

— E quer saber? Acho que não é dessa vez que a dona Ercy embarca. Nunca fiquei tão feliz em ter errado um diagnóstico.

— Aí é que está, Helena. Eu estava contando para o colega aqui. Você não é uma novata. Não erra. É a primeira vez que vejo isso. Pelo fato de a paciente ainda estar em coma, é algo fascinante e inexplicável. Ontem teve morte encefálica, hoje a pupila reagiu. Não estamos soltando rojões porque não sabemos qual vai ser o quadro final dessa singularidade.

Um gemido no corredor, além da porta de entrada da UTI, chamou a atenção dos três.

Helena caminhou até a porta, mordida pela curiosidade.

— Alguém deve ter se perdido por aqui.

Então, quando a porta dupla se abriu num empurrão brusco, a médica voltou para trás e caiu sentada, abatida pelo susto.

Uma enfermeira cambaleava com a mão no pescoço. Estava pálida e com a boca roxa. Seu uniforme, que deveria ser todo branco, estava lavado de vermelho, vermelho-sangue. Vendo os médicos, ela estendeu os braços como quem pede ajuda e caiu no meio do corredor.

Helena, refeita do susto, engatinhou e chegou primeiro até a enfermeira. Pressionou sua carótida com força e, de olhos arregalados, gritou para os colegas que permaneciam paralisados:

— Ajudem aqui!

Sérgio correu para dentro da UTI e lavou freneticamente as mãos, calçando as luvas de látex e apanhando os conjuntos de pinças e suturas, enquanto, do lado de fora, Francis obedecia ao comando de Helena, apanhando uma maca e ajudando-a a colocar a enfermeira em cima dela. A enfermeira se debatia e abria e fechava a boca repetidas vezes, como se tentasse falar.

— Nanda, fica quietinha, querida. Quietinha. O doutor Sérgio é especialista nesses acidentes. Vai ficar tudo bem — dizia a médica intensivista, tentando acalmar a mulher.

Francis estava envergonhado por ter ficado tão atordoado com o acontecimento. Era um médico, deveria estar preparado para aquele tipo de cena. Anos o separavam da residência, quando tinha atendido em pronto-socorro, e aquilo o tinha pegado com uma intensidade avassaladora. Quando empurrou a maca para junto da médica e da enfermeira, ele estava tremendo. Adrenalina. Tinha outra coisa. A ferida. Parecia um rasgo, um rasgo feito por algum tipo de bicho, de fera.

Sérgio chegou correndo e começou o atendimento ali mesmo no corredor.

— Helena, vamos precisar de duas bolsas de sangue para a Fernanda. Francis, entre na UTI e chame as enfermeiras. Isso não tá nada bom, ela está descorada, perdeu muito sangue. Helena, eu vou pinçar a artéria. Segure firme a cabeça dela, tem que ser de primeira, ok? Agora!

A médica soltou a ferida. No mesmo segundo a enfermeira revirou os olhos e puxou a cabeça para trás, enquanto um jato de sangue acertou o rosto do médico socorrista. Nesse momento um enfermeiro e uma auxiliar chegaram no corredor, e Francis, vendo os novos profissionais, não saiu dali.

— Bernardo, segure os pés dela — disse Helena.

O enfermeiro obedeceu de imediato.

— Como você se machucou assim, hein, menina? — perguntou o médico num sussurro retórico.

Francis nem cogitou aproximar-se. Muito ajudava quem não atrapalhava. Ficou assistindo àquela cena frenética esfregando as mãos. Um cheiro horrível chegou às suas narinas. Um cheiro que nunca tinha sentido antes. Estremeceu mais uma vez. E se o doutor Sérgio estivesse certo? E se tivessem sido expostos a algum agente químico ou biológico? Aquele cheiro talvez estivesse ligado a isso. Ele poderia estar inalando algum gás tóxico e mortal que só agora envolvia aquele pequeno hospital em Angatuba. Seus olhos foram para a porta dupla de acesso à UTI, a mesma porta por onde aquela enfermeira ferida tinha chegado. Um par de mãos vermelhas de sangue coagulado surgiu por uma fresta. O fedor que entrava pelas narinas ficava mais forte conforme aquelas mãos separavam as portas e as atravessavam em direção ao corredor. Aquele era o pior cheiro que Francis já tinha sentido em sua vida.

Corina estava tensa demais para continuar parada no corredor do pronto-socorro. Francis parecia que ia demorar um bocado conversando com o colega interiorano. A mulher apanhou uma das cadeiras de rodas e resolveu trazer o marido sozinha. Por certo, os socorristas do Samu que estavam lá fora seriam prestativos e a ajudariam a acomodar o pesado marido na cadeira de rodas. Depois teria uma faixa de dez metros de brita para enfrentar. Quem tinha projetado aquele estacionamento nunca precisou empurrar a mãe sobre aquelas cadeiras, pensou. Parou na recepção um instante. As pessoas tinham se acalmado um pouco,

ouvindo uma ou outra consternação. Uma mulher estava com uma menininha adormecida de aproximadamente dois anos no colo. Corina passou uma mão por um braço e olhou detidamente para o salão. Eram tantos! Ao menos vinte pessoas eram amparadas por seus parentes. As crianças estavam nos colos dos pais. Já os adultos, alguns se recostavam nas cadeiras, e quatro deles estavam no chão. A situação começava a ficar caótica, e para fugir completamente ao controle faltava pouco. Inconsciente, tirou o celular da bolsa, conferiu as horas. Quase cinco da manhã, logo amanheceria. Seus olhos ficaram no display. Uma cruz sobre a representação de uma antena dizia que o aparelho continuava sem sinal. Corina empunhou a cadeira de rodas e seguiu para o estacionamento. Lá fora já se juntavam pessoas fumando e trocando impressões sobre a estranha madrugada. Os rostos estavam carregados de preocupação. Corina se pegou imaginando outras cidades mergulhadas no mesmo apagão de comunicação. Será que também existiam adormecidos em São Paulo e Osasco? Será que aquela estranha noite se repetia no Rio de Janeiro ou em Manaus? Ouviu alguém falar do barulho de um trovão que pareceu uma explosão no céu. Ela chegou a parar a cadeira de rodas ao lembrar que sim, tinham escutado o barulho na estrada. Lembrou-se de que os meninos ainda estavam acordados. Henrique, o mais novo, tinha pedido que parassem o carro para observar o céu. Tinha dito que um meteoro poderia ter caído ali por perto, sendo motivo de chacota entre o irmão mais velho e o padrasto. Aquele maldito CD do Plantação tocando alto. Corina voltou com a mente para o aqui e agora e desceu a rampa, embicando a cadeira em direção ao carro. Uma corrente elétrica percorreu o seu corpo, disparando um alarme. A porta do passageiro estava aberta quando tinha certeza de tê-la deixado fechada. Chegou a sorrir por um breve segundo, imaginando que o marido tinha despertado e que isso aconteceria com os meninos também, mas daí ela a viu. Uma mulher estava eclipsada pela porta e tinha metade do corpo projetado para dentro do carro. Corina soltou a cadeira enquanto uma enxurrada de adrenalina tomava sua circulação. Ela estaria roubando seu marido? Olhou ao redor. Ninguém estava vendo aquilo? Ela continuou andando até chegar ao carro.

— Ei! O que está fazendo aí, sua vagabunda?

A mulher empurrava o corpo do seu marido em direção ao banco do motorista. Ela parou ao ouvir a voz de Corina, que, por sua vez, arregaçou as mangas, preparando-se para arrancar a mulher dali à base de tapas. Entretanto, quando ela se virou, Corina, surpreendida, levou um susto tão grande que deu dois passos para trás. Não era uma mulher, era uma garota. Quinze anos, no máximo. Essa era a parte surpreendente da situação, mas havia a parte assustadora também. Assustador era o fato de a garota ter metade do rosto tomado por sangue. Do nariz até o queixo, pingavam gotas grossas de sangue vivo, tirado de seu marido. Corina levou a mão até a boca.

— Santo Deus!

A garota, ainda virada para Corina, abriu a boca e lançou um rosnado animalesco. Os olhos dela pareceram cintilar, vermelhos, por um breve segundo. Corina, aterrorizada, ficou imóvel, tremendo, enquanto a garota, como um felino se alimentando, simplesmente se voltou para a comida e tornou a empurrar o corpo do homem para o lado, fazendo-o balançar a cada investida. Corina inspirou fundo e, suprimindo todo o seu temor, correu a curta distância que a separava da porta aberta do carro e puxou pelas roupas a garota insana com toda a força que tinha. As duas caíram sobre o chão de pedra britada, e Corina soltou um grito ao bater contra o chão, alto o suficiente para chamar a atenção das pessoas que fumavam do lado de fora. Corina sentiu o cotovelo raspando contra as pedras. Uma gota de sangue brotou em seu braço. Viu quando a menina louca desviou os olhos dos seus e os fixou insanamente no ferimento. As pessoas, aturdidadas, não sabiam o que estava acontecendo. Viam duas mulheres rolando no chão. Uma estava com sangue na boca; tomaram como uma ferida por causa da briga. Corina tentava se levantar a todo custo, mas a selvagem sempre conseguia derrubá-la. Corina girou sobre o quadril, ficando de frente para a garota, que agarrava o seu pescoço com as duas mãos. A garota fechou os dedos com força. Corina perdeu o ar, sentindo uma pressão brutal na traqueia. Sem o apoio dos cotovelos, bateu a nuca contra o chão, não sem antes conseguir chutar a maluca para longe com os dois pés. Virou-se e arrastou-se, tentando se afastar da ameaça, mas sentiu novamente as mãos da garota se fecharem em seu pescoço, estrangulando-a pelas costas. Corina perdeu o ar mais uma vez. Uma dor insuportável tomou seu pescoço, e sua visão enegrececeu. Foi quando ouviu um barulho surdo e sentiu um impacto poderoso contra suas costas. Sentiu o corpo da adolescente desabar contra o seu, e então as mãos dela afrouxaram. Corina estava respirando novamente. Tombou de costas para olhar para cima. Um homem grande, empunhando um extintor de incêndio, com a camisa suja de sangue na altura do colarinho, olhava para o corpo da garota. Ele chorava. Corina viu o homem cair de joelhos aos pés da menina e começar a soluçar. Só aí a multidão em frente ao pronto-socorro se aproximou. Todos com olhares de interrogação.

— Chamem ajuda para o meu marido. Essa maluca nos atacou, e ele está sangrando.

Alguém correu para dentro do hospital.

O homem colocou a cabeça da garota desmaiada sobre suas coxas e se abaixou sobre ela, chorando ainda mais.

— Ela não é maluca, dona. Não é maluca. A Jade é um doce. Uma menina boa.

— O seu doce machucou meu marido e tentou me enforcar... — resmungou Corina, esforçando-se para levantar.

A mulher foi amparada por uma senhora que terminava seu cigarro. Corina se agarrou à mão da fumante e ficou de pé, cambaleando. Viu pontos de luz diante dos olhos. Dois homens estavam na porta do carro olhando para seu marido. Ela se aproximou, temerosa com a leitura que teve na expressão daqueles homens. Seu marido estava caído de lado, ela o puxou para endireitar seu corpo. O sangue escapava em profusão por uma ferida aberta a dentadas no lado direito do pescoço. Corina sentiu as pernas bambearem e um embrulho no estômago. Foi segurada pelos socorristas do Samu chamados às pressas para ajudar Eusébio.

— O que aconteceu? — perguntou o primeiro deles.

— Essa menina. Ela o mordeu, eu acho.

Em questão de segundos, Eusébio foi colocado numa maca e carregado pelos homens para dentro do pronto-socorro. Um murmurinho tomou o estacionamento. Corina parou em frente ao homem, que ainda estava de joelhos com a filha apoiada nas pernas.

— Leve-a para o hospital também. Você precisa descobrir o que ela tem.

O homem, como saindo de um transe, ergueu os olhos para Corina.

— Não adianta. Ela morreu. Eu bati forte demais.

Corina olhou para o extintor de incêndio jogado ao lado dele. Era da frente do hospital, um daqueles grandes.

— Meu Deus, homem. Ela desmaiou, leve-a pra dentro, pelo amor de Deus.

Corina correu para o hospital, queria ficar ao lado do marido ferido.

Francis ficou imóvel, aprisionado por aquela visão. As mãos empurraram as portas duplas, e então um homem descalço, trajando uma bata hospitalar, pisou no corredor. Ele estava ligeiramente encurvado, com a cabeça projetada para a frente. Sua expressão revelava algo doentio, selvagem. O invasor ergueu o queixo um pouco e inspirou fundo seguidas vezes. Seus olhos apontaram para o chão onde encontraram uma trilha de sangue que acabava na maca onde a enfermeira fora colocada. Ele abriu a boca num sorriso. Sua boca suja de sangue; gotas escuras descendo pela camisola hospitalar. Algo disparou na mente de Francis, uma sinapse lógica. Foi ele, foi ele o responsável pela terrível ferida no pescoço da enfermeira. Juntando os pontos, Francis viu aquele homem agarrando a mulher e mordendo seu pescoço até atingir a artéria. Um demente, provavelmente. Sua dedução se confirmou quando o viu se ajoelhar e lamber o sangue do piso. Ninguém mais estava assistindo àquilo. Talvez algum segurança numa saleta escura estivesse vendo o ato bizarro por uma câmera de vigilância. O odor execrável que emanava daquele sujeito chegou a embrulhar o estômago de Francis. Aquele homem tinha ferido a mulher e, agora, louco e doente, lambia o chão. Era nojento. Era perturbador e, acima de tudo, irritante. Francis soltou o colarinho, sentindo falta de ar e um suor frio brotar em sua têmpora.

Aquilo não estava certo. Aquele homem hediondo não podia estar ali. Aquele homem tinha tentado matar a enfermeira. Aquele homem tinha tomado o sangue dela. Era uma besta, um demônio enviado das sombras para fazer mal a toda gente. O médico sentiu-se ofegante, sufocado por uma urgência que precisava extravasar. Francis correu até o lambedor de sangue e desferiu um potente chute em sua cabeça. O sujeito cambaleou, surpreso, e tombou de costas passando pela porta dupla, caindo no corredor perto do elevador. Sérgio e sua equipe ficaram estupefatos por um momento, mas logo o médico teve que voltar a atenção para a agulha que costurava a veia da enfermeira. Os enfermeiros que o auxiliavam foram atrás de Francis, que passava pela porta dupla como um louco. Do lado de lá o homem chutado estava de bruços, praticamente nu, posto que a bata estava enrolada na altura de seu pescoço, e começava a se virar para ficar de pé novamente. Mas, antes que o fizesse, foi alcançado pelo médico forasteiro, que agarrou seu ombro e desferiu um potente soco bem no meio de seu nariz. O homem foi ao chão mais uma vez, mas girou ágil como um gato e, de quatro, lançou um rosnado que fez Sérgio e os enfermeiros pararem imediatamente.

— Foi ele que fez aquilo com a amiga de vocês! Ele que a mordeu!

Os dois médicos trocaram um rápido olhar.

— Precisamos sedá-lo e contê-lo, doutor. Não espancá-lo.

Francis olhou para o lado, encarando o enfermeiro. O cheiro do sujeito voltou a capturar sua atenção. Não iria sedá-lo porcaria nenhuma! Iria exterminá-lo! Francis correu na direção do sujeito, que saltou para cima de uma mesa, ao mesmo tempo fugindo do médico ensandecido e buscando um lugar mais alto para intimidar os enfermeiros.

— Eu quero o sangue da mulher! — vociferou a criatura. — Saiam do meu caminho!

— Só por cima do meu cadáver! — bradou Francis.

A criatura deu um grito feroz e saltou para o chão de ladrilhos, aproximando-se do médico que bloqueava a sua passagem.

Sem pensar duas vezes, o médico correu e, mais uma vez, se atracou com o homem louco, levando-o ao chão e desferindo socos em sua nuca.

— Pare, doutor! Vai matá-lo assim! — gritou a auxiliar de enfermagem.

O enfermeiro puxou Francis de cima do paciente e apontou o dedo para o médico.

— Se continuar com isso, vou sedar esse cara e o senhor também! Ele é um paciente!

O homem espancado se levantou. Um sangue escuro descia de seu nariz. Ele começou a rir, chamando a atenção do trio. O estranho soltou um urro, abrindo a boca e exibindo dentes pontiagudos de fera.

— Saiam da minha frente!

O enfermeiro e a auxiliar recuaram até a porta dupla, aterrorizados. Francis ficou parado em sua posição, a cerca de três metros daquela coisa, guardando a passagem. Olhou para os lados, não procurando as pessoas que ali estavam, precisava de alguma coisa para debelar a fera. Seus olhos bateram no suporte de um grande cartaz de convocação da Convenção Interna de Prevenção de Acidentes. Arrancou-o do suporte e retirou a haste retrátil, empunhando-a contra a fera, como se fosse uma espada.

O homem grunhiu mais uma vez e disparou para cima de Francis. O médico não pensou duas vezes, ergueu a haste e golpeou o selvagem na cabeça. Aproveitando um segundo de atordoamento, cravou a haste no meio de seu peito, fazendo-o cambalear para trás, trombando contra a parede.

— Puta que pariu! — bradou o enfermeiro.

— Deus amado! — gemeu a auxiliar. — Ele o matou, Bernardo.

Francis manteve o punho firme na haste, soltando um grito também selvagem. Só largou quando as forças do estranho homem com a boca suja de sangue se esvaneceram. O médico assistiu ao homem escorregar escorado na parede, deixando um traço de sangue mais escuro do que o normal no azulejo azul-claro. Francis se abaixou e tocou o pescoço do sujeito. Estava morto. O cheiro pestilento continuava infestando o ambiente, tornando praticamente impossível continuar ali. Afastou-se tapando o nariz.

— Está morto — disse com a voz fanhosa para a plateia.

A auxiliar de enfermagem se limitou a fazer o sinal da cruz, enquanto o enfermeiro apenas olhava para o médico.

— Esse cheiro está insuportável.

— Que cheiro? — perguntou o enfermeiro.

— Não está sentindo? É um cheiro azedo, horrível. Está vindo dele.

— Desculpa, doutor. Não estou sentindo cheiro de nada.

— Impossível. É muito forte e muito ruim.

O rapaz meneou a cabeça em sinal negativo e andou até o paciente caído. A haste tinha atravessado seu peito. Realmente o homem tinha restos de sangue no queixo e nas mãos. Podia mesmo ter atacado a enfermeira Fernanda, mas aquele médico não tinha o direito de ter feito aquilo. Acocorou-se e tomou o pulso do homem. Realmente estava morto.

— Você matou o paciente.

— É. Eu sei.

— Por que fez isso?

— Eu sei lá! Ele atacou a sua amiga, e queria voltar lá para machucá-la ainda mais, com aqueles dentes de monstro. E você fica com esse ar de censura imbecil me perguntando por que eu fiz isso?!

— Não estou sendo imbecil, não, senhor. Eu sou um enfermeiro, treinado para salvar vidas, o senhor me respeite — retrucou o jovem, indócil.

Francis só ergueu os braços e olhou pela janela de inspeção da porta dupla. Sérgio e Helena ainda lidavam com a enfermeira ferida, enquanto a auxiliar estava sentada no chão, chorando.

— Esse homem foi o primeiro a chegar aqui. Foi um dos primeiros a chegar neste hospital em estado letárgico. Estava na ala comum porque não tínhamos mais vagas na UTI. Ele deve ter acordado desorientado e precisava ser sedado, não ser assassinado.

— Ele estava fora de si, você mesmo viu, cara.

— Eu vi o senhor enfiando um ferro no peito de um paciente, foi isso que eu vi — rosnou Bernardo.

— Espere! Você disse que ele estava adormecido, igual aos outros?

— Exato.

— Puta merda!

Francis virou-se e adentrou o corredor da UTI bem quando Sérgio retirava as luvas de látex e ajudava a auxiliar de enfermagem a se levantar.

— Doutor Sérgio, venha até aqui, rápido.

A doutora Helena, com a ajuda da auxiliar, empurrava a maca da enfermeira assistida até o final do corredor.

— Que comoção toda é essa, doutor Francis?

— O enfermeiro...

— Bernardo.

— Um de seus pacientes, que ele disse que entrou adormecido nessa madrugada, acabou de despertar.

Sérgio alcançou Francis e, quando se dirigiam para a porta dupla, ouviram um grito de pavor. Francis se apressou e encontrou Bernardo aferrado à haste, espancando o paciente morto.

— Calma. Ele já morreu.

— Não. Não morreu, não. Ele me mordeu!

— Como é possível, enfermeiro? Eu e você vimos que ele estava morto.

— Eu achei que ele estava. Estava sem pulso. Mas, enquanto eu observava a mancha de sangue em sua boca, ele agarrou a minha mão e mordeu meu punho com toda a força — reclamou o enfermeiro, exibindo a pele perfurada e já com hematoma.

Francis tomou a haste das mãos do enfermeiro e empunhou-a. Parou com um pé de cada lado do corpo caído no chão. O paciente soltou um grunhido fraco e tentou levantar a mão. Francis, sem hesitar, começou a cravar a haste por

todo o tórax do sujeito, encontrando resistência enquanto acertava as costelas. Depois mirou na cabeça e atravessou o crânio três vezes pelos orifícios oculares.

— Morra, morra! Desgraçado!

Francis parou por um momento, com a haste suja de sangue em riste. Por fim, jogou-a no chão, ouvindo o tilintar metálico. Aos poucos, o médico de Santos recuperou o controle da respiração, puxando o ar mais fundo e recobrando o fôlego. O fedor tinha desaparecido. Francis olhou para as mãos trêmulas sujas de sangue.

Sérgio, atônito, caminhou até o colega e segurou seu braço.

— Vocês podem me explicar que diabos está acontecendo aqui?

Francis simplesmente meneou a cabeça em sinal negativo.

— Acho que estou ficando louco, doutor. Louco.

CAPÍTULO 2

Eram raros aqueles momentos em que os três estavam juntos. Por isso que ela, a mãe, sempre ausente por conta do trabalho, agora se divertia ao descobrir que Breno, o caçula de dez anos de idade, já estudava fórmulas matemáticas que ela não lembrava mais como resolver. Como é que os professores tinham coragem de mandar uma lição de casa daquela? O duro é que o pequeno precisava de uma boa nota em Matemática, e ela ia aproveitar cada minuto que tinha daquela noite para ajudá-lo. Na cama ao lado estava Pedro, seu filho mais velho, com dezessete anos e uma invariável cara de quem chupou limão apanhado na viçosa árvore da adolescência. Nos últimos anos Pedro foi adquirindo uma personalidade cada vez mais introspectiva dentro de casa, voltando a ser o garoto descontraído apenas quando estava com os amigos de sua turma do condomínio. Raquel lançou um olhar para o filho mais velho, que navegava em seu tablet, olhando fotos antigas de família. O filho olhou para a mãe e suspirou.

— O que foi, querido?

— Já estou cansado disso, mãe. Quando vou poder voltar pro meu quarto?

— A defesa pediu um recesso, e o juiz acatou, Pedro. Assim que terminar esse recesso isso tudo acaba. De vez.

— Não sei por que esses caras dão tanto boi para esses malandros. O papai não dava boi pra ninguém.

A mãe sorriu e tornou a olhar para a apostila do filho mais novo.

— Só falta um.

— Acho que pela lógica só vão sobrar os rinocerontes nessa floresta, mamãe.

— Por quê?

— Porque os rinocerontes são mais fortes que os leões e os chimpanzés. Os leões acabariam comendo os chimpanzés e iriam ficar lentos, com a barriga cheia, daí os rinocerontes atropelariam eles. Há! Há!

— Engraçadinho. Mas não é com essa lógica que a sua professora está lidando. Vamos ter que quebrar a cabeça aqui e conseguir resolver com as fórmulas que você estudou nessa semana. Eu sabia fazer isso, eu juro.

— Ih, mãe, seu negócio é direito penal, você mesma diz. Matemática é coisa do Pedro. Ele é bom com números.

A impressora ao lado da cama do menino começou a funcionar. Uma folha especial para impressão de fotografias começou a descer pela boca de alimentação. A mãe olhou para Pedro, que fechava o notebook e o colocava sobre um móvel improvisado ao lado do colchão e virava-se de lado, cobrindo-se até a cabeça.

A foto que saiu da impressora apagou o sorriso da boca da mulher.

— É a mesma foto que você colocou no meu carro, filho?

Pedro limitou-se a concordar com a cabeça.

Era uma foto dos dois filhos, com bermudões, e com o pai ao centro, todos sentados sobre a longboard do marido. Ela tinha tirado aquela foto, com medo de molhar a câmera. Todos felizes da vida em férias na praia do Lázaro, em Ubatuba. Aquela era a praia preferida dela, onde podia sentar na areia e descansar ou brincar nas águas calmas com os filhos. Breno era ainda um bebê praticamente, não tinha nem três anos, enquanto Pedro deveria ter por volta de nove. Davi preferia praias mais mexidas, onde escolhia entre a longboard ou a gunzeira, suas favoritas. Pedro tinha aprendido a surfar com o pai, mas, depois do assassinato de Davi, o surf parecia ter ido embora junto, uma vez que tornara-se um retorno insuportável aos dias felizes ao lado de quem mais sentia falta naquela altura da vida, quando os meninos sabem que já devem ser homens. A falta avassaladora tinha criado um silêncio que nunca havia existido naquele lar. E um pacto também. Os filhos não reclamavam da ausência da mãe por conta do trabalho. Sabiam que ela, no papel de promotora de justiça, além de trabalhar, também lutava para vingar a morte do marido. Davi tinha virado alvo do maior traficante do país, o Djalma Urso Branco, ao condenar seus principais soldados, um a um, sem jamais ceder ou temer as constantes ameaças deflagradas pelo bandido. Ameaças públicas que, após o assassinato de Davi, tinham virado munição para o primeiro petardo disparado pela promotora, conseguindo pôr atrás das grades mais dois importantes homens do esquema de Djalma e, em seguida, alçando a promotora à categoria de heroína nacional. Desde a morte do marido até a decisão de caçar vorazmente o homem que tinha prometido matar o pai de seus filhos, seu nome não saía mais das manchetes de jornais impressos, eletrônicos e televisivos. A promotora era uma mulher adorada pela massa, pois, igual ao marido, não tinha medo daqueles vermes amaldiçoados que disseminavam o mal a cada esquina da capital paulista em forma de pedras de crack, óxi, papelotes de cocaína e munição para o seu exército do tráfico. Por culpa

do verme aquela foto nunca mais seria repetida naquela praia. Ela segurava na mão a fotografia quando uma batida seca na porta retirou-a do torpor. Breno ainda rabiscava na apostila brigando com números, fórmulas, chimpanzés e rinocerontes enquanto ela dirigiu-se à porta e abriu-a. Era Ricardo, o agente que comandava o grupo de federais que faziam a guarda de sua família.

— Novidades?

— O juiz suspendeu o recesso e está chamando todo mundo.

— Quando?

— Agora mesmo, Raquel. Quer todo mundo lá.

— Me dá dois minutos, vou me trocar e seguimos para lá.

Ricardo aquiesceu, deixando a promotora de longos cabelos ruivos para trás.

Raquel ficou imóvel por alguns segundos à porta do quarto, olhando primeiro para o pequeno Breno, que ainda rabiscava a apostila, e depois para Pedro, que tinha descoberto a cabeça e a olhava. Aquele pacto de silêncio estava chegando ao final de seu ciclo. Aquela noite, quando a condenação do maldito Djalma fosse consumada, sua família seria libertada do cativeiro psicológico ao ver o assassino do homem que amavam pagando pelo seu crime atrás das grades. Pedro voltou a deitar-se, e então Raquel foi para seu quarto. O agente Flávio, que estava no corredor, deslocou-se com ela até a porta do quarto da promotora e ficou ali, aguardando que ela se banhasse e se aprontasse para voltar ao tribunal.

No quarto, Breno levantou a cabeça da apostila, não calculava mais nada e fazia o desenho de um rinoceronte. Virou-se para o irmão encoberto e ficou batucando com o lápis na ponta da apostila.

— Eu sei que você não está dormindo, Pedro.

O irmão continuou em silêncio enquanto Breno apanhava a fotografia da bandeja da impressora.

— Eu não vou falar pra mãe nem pro Ricardo, mas dessa vez eu quero ir com você.

Breno deixou a fotografia em cima da impressora e voltou a sentar em sua cama. Recostou-se à parede, escorando-se em um fofo travesseiro, olhando para o irmão na cama improvisada do quarto. Aquela tinha sido uma semana tensa, e por isso Ricardo achou melhor deixar os irmãos no mesmo quarto, para que a vigilância ficasse concentrada em um lugar da casa durante toda a semana do julgamento. Breno sabia que o irmão às vezes conseguia driblar os seguranças para dar uma volta pelo condomínio sem receber olhares esquisitos dos amigos, já que tinham chegado com um bando de guarda-costas na sua cola. Breno já achava divertido e gostava de se exhibir com os agentes federais fazendo sua proteção na escola e no condomínio. Ninguém ia se meter a engraçadinho com ele na hora do intervalo. Naquele momento sua cabeça não estava mais

nos exercícios da apostila. O pequeno Breno tentava solucionar a equação que colocaria o seu irmão na rua, livre dos seguranças, muito provavelmente para se encontrar com Chiara, a menina mais gata da vizinhança e que era doidinha por ele. Breno sorriu e também se deitou, puxando uma HQ de *O turno da noite* debaixo do seu travesseiro. O lance era não dormir, que tudo ia dar certo. Vinte minutos mais tarde ouviu o ronco do portão automático da garagem que ficava bem embaixo do seu quarto, e então o motor das duas picapes da Polícia Federal saindo, levando a mãe para o fórum. Breno olhou a hora em seu celular. Eram nove e meia da noite. O pequeno continuou ansioso, lendo os quadrinhos dos vampiros que tinham virado matadores de aluguel, tentando imaginar quando o irmão se mexeria para saírem dali. Então, depois de se arrastar uma hora inteira, arrepiou-se da cabeça aos pés ao ouvir três batidas secas na porta. Baixou a revista e fingiu dormir. A porta se abriu. Breno já sabia o que aquilo significava. Um dos agentes vinha a cada duas horas dar uma checada em como estavam as coisas no quarto. Alguns segundos de silêncio, então a porta se fechou mais uma vez. Breno ficou paralisado, quieto, imaginando se o agente ainda estava atrás da porta, com o ouvido colado na madeira, tentando escutar se estava sendo enganado ou não. Não ousou nem abrir a HQ novamente, ficando calado e imóvel, até que escutou Pedro se mexendo. Olhou para o sofá-cama instalado no quarto e viu que o irmão amarrava os tênis, preparando-se para sair.

— Eu vou.

— Porra, não fode, Breninho. Você vai me atrasar a vida.

Breno levantou-se, sem dar ouvidos ao irmão, e já foi pegando seu par de tênis também.

— Você sabe que a gente só tem duas horas, não é? Daqui a duas horas eles voltam para olhar o quarto.

— Eu sei, Pedro. Eu também moro aqui. Sou seu irmão pequeno, mas não sou tonto.

Pedro, contrariado, esfregou o rosto e os cabelos vermelhos como fogo.

— Tá, moleque, mas é o seguinte: a parada é sinistra pra sair daqui. Não é moleza.

— Eu vou com você. Você me ajuda.

— Cê manja de parkour?

— Aquela zica de ficar pulando de prédio?

— É.

— Você me ajuda?

Pedro bufou. Foi até o banheiro e escovou os dentes rapidamente, imitando pelo irmão. Então Breno parou e ficou olhando para Pedro.

— Como é que você sai? Eu sei que você sai. Só não sei como.

— Tá falando daquele dia em que eu deixei o bilhete grudado na sua testa?
— Com durex. É. E fez bem, porque se eu acordasse ia procurar você.
Não ia te dedar, pelo menos não de propósito, né?

— Vem cá — Pedro chamou para perto da janela o irmão.

— Eles prendem a gente...

— Protegem, Pedro. Eles protegem.

— Tá, papagaio da mamãe. Eles “protegem” a gente colocando alarmes nas nossas portas e nas nossas janelas. Eles usam um sistema de alarme muito simples, que é de duas chapas de contato, tá vendo isso aqui?

Breno abaixou-se para olhar mais de perto. A luz que entrava no quarto vinha do banheiro e do poste da rua do condomínio. Mesmo assim, ele conseguiu ver um objeto de metal embaixo da janela.

— Se eu levantar a janela, esses contatos de metal se separam e abrem o circuito, disparando o alarme pela interrupção da corrente.

— Hum, então o jeito é abrir mantendo esses contatos grudados?

— Isso aí, garoto esperto!

Breno sorriu, percebendo um genuíno orgulho do irmão, que normalmente abria a boca para reclamar da vida e do quanto ele, Breno, era pentelho e chato.

— Só que isso dá trabalho e dá bandeira. Às vezes os agentes fazem rondas ou tão de olho nas câmeras que colocaram na frente de casa e nos fundos.

Breno ergueu os braços, aturdido.

— Mas, se você não sai pela janela, como é que faz?

— Quando o Ricardo me mudou pra cá, eu até pensei que não ia conseguir sair, mas, felizmente, a planta do seu quarto é igual à do meu, e à do seu closet também — finalizou Pedro, puxando Breno para dentro do closet e acendendo a luz.

— Vem até aqui.

Breno seguiu Pedro até o fim do closet.

— É por aqui que a gente sai, cabeçudo. Cuidado para não enroscar essa cabeçona aí pela passagem quando estiver saindo.

— Cala a boca, Pedro! — reclamou Breno, dando um soco no braço do irmão.

Pedro riu e voltou ao quarto.

— Antes de sairmos, chega aí.

Voltaram até as camas, e Pedro ensinou-o a fazer um corpo falso, juntando cobertores e travesseiros e cobrindo tudo com uma manta.

— Eles só abrem a porta e não fazem barulho pra não acordar a gente. Eles dão uma olhadinha no escuro, veem que estamos capotados e pronto, voltam para a televisão.

— Da hora! — exclamou o pequeno Breno, dando um abraço no irmão.

Por dentro, o coração de Breno batia disparado. Ele já tinha aprontado uma ou outra, desobedecido a mamãe e tudo, mas aquilo era um mundo novo para ele. Era uma contravenção de primeira classe, e com a instrução do irmão mais velho. Estava feliz da vida. Pedro apagou a luz do banheiro e também a luz do espaçoso closet. Tirou de uma gaveta alta uma lanterninha com um facho poderoso e estendeu-a ao irmão.

— Segura aí.

Pedro, já acostumado às escapadas, subiu até o teto usando as próprias gavetas reforçadas do móvel, que rangeram um pouco sob a pressão do seu peso, mas o suportaram até que ele tirasse a tampa de acesso ao sótão e então se içasse para o compartimento.

— Agora vem.

Para o contentamento do irmão mais velho, Breno foi bem decidido, subindo pelas gavetas, imitando-o sem vacilar. A única dificuldade era a menor estatura do irmão, que obrigou-o a se pendurar para fora da passagem a fim de alcançar a mão do caçula e puxá-lo para cima. Pedro afastou Breno para o lado e, com agilidade, recolocou a tampa no lugar.

— Cuidado onde pisa e não encosta nessas vigas, se não quiser ficar com a roupa imunda — recomendou o irmão.

— É escuro aqui.

— Pois é. A vida é lá embaixo. Passa a lanterna.

Pedro jogou o facho de luz para os lados, dando uma ideia para o irmão do tamanho daquele sótão.

— Essa latinha de Coca-cola aí do seu lado, cuidado para não chutar.

— Por quê?

— Primeiro, vai fazer um barulho nervoso, e já era a gente sair daqui. Corremos o risco até de tomar um tiro se eles acharem que são os caras.

— Tá, nem precisa falar mais nada.

— Outra coisa. Ela é que mostra pra gente onde a tampa do closet está.

— Maneiro.

— Agora, vem, bem devagar, no sentido do meu quarto.

Os dois irmãos foram andando, pé ante pé, aprofundando-se no sótão, em direção ao fundo da casa. Vinte metros para a frente Pedro parou, imitado por Breno. O mais velho se abaixou e retirou uma nova tampa do chão.

— Eu vou primeiro, e você vem depois.

Breno olhou para o cômodo abaixo, iluminado pela lanterna do irmão.

— O quarto da Maria.

— Isso. Ela não vem no fim de semana. E eu já me ajeitei com ela. Ela é da hora, e não é dedo-duro.

Pedro ergueu uma escada de alumínio colocada estrategicamente ali ao lado do alçapão. A escada desceu até tocar o colchão da cama do quarto de empregada, propiciando a descida dos dois irmãos. Pedro desceu devagar. Sabia que ali era mais sossegado quanto ao barulho, já que os agentes da PF ficavam na parte da frente da casa. Diminuiu a escada retrátil e escondeu-a debaixo da cama da Maria.

— Agora vem a parte do parkour. Está pronto?

Breno fez que sim com a cabeça.

Pedro abriu a janela do quarto da Maria e passou as pernas para fora. Ali não existiam alarmes nem câmeras da Polícia Federal.

— Veja como é que eu faço, e é só repetir. Você é menor e mais leve, então não tem erro, é até mais fácil pra você. Não vai ficar com cagaço agora, porque daqui não dá pra voltar atrás.

Breno engoliu em seco e ficou olhando Pedro se segurar na beira do batedor da janela e deslizar o corpo para baixo. A janela da Maria dava para o jardim de Raquel, onde existia um pergolado de madeiras largas. Usando-a como base para seus passos, Pedro foi lentamente caminhando até a beirada da estrutura. As madeiras eram colocadas paralelas sobre postes, estes também de madeira, que serviam de suporte para o crescimento de uma sorte de trepadeiras.

— Assim que você vai fazer, Breno.

Os olhos do garoto ficaram grudados no irmão, que fechou as pernas, caindo entre duas traves, nas quais fincou as mãos, reduzindo a velocidade da queda e fazendo um pouso fácil no gramado.

Tum, tum, tum. O coração batia tão acelerado que o garoto sentia a pele do pescoço pulsando. O medo era intenso, mas, longe de ser um obstáculo, era um combustível para continuar, vencer e estar com o irmão. Deslizou meio que desajeitado até tocar no primeiro tronco, então soltou-se da janela e teve que abrir as pernas mais do que o irmão para se equilibrar, depois de se soltar. Quase gritou, abafando o som ao fechar a boca e deixar escapar só um rosnado, seu pé foi para a frente e teve que descongelar o outro para não cair. E então, desajeitado, foi se encaminhando para o final do suporte, já imaginando se teria coragem para simplesmente fechar as pernas e se deixar cair da mesma forma que tinha feito o irmão, como um morcego se lançando ao vazio antes de alçar voo. Contudo, só descobriria se teria coragem ou não para tal façanha numa próxima escapada, posto que no terceiro passo perdeu o equilíbrio e seu pé

escorregou da madeira, fazendo-o cair de lado, batendo com força contra a estrutura e indo de costas ao gramado.

Foi a vez de Pedro abafar o grito e ficar com o coração disparado. Seu irmão caçula se contorcia no chão, girando de um lado para o outro. Correu até Breno e se ajoelhou, ia lançar uma pergunta quando ouviu o riso contido pelas mãos querendo escapar da garganta de Breno, o que lhe gerou bastante alívio.

— Seu doido! Se machucou?

— Só dói quando eu rio — brincou.

— Vem. Não acabou. Ainda estamos no nosso quintal.

Pedro puxou Breno, que o seguiu mancando. Em certa altura da cerca de sansão do campo havia uma brecha por onde os irmãos se esgueiraram, deixando os limites da propriedade da promotora Raquel. Invadiram o quintal de um vizinho e atravessaram para o quintal da rua de trás.

— Por esses dois quintais não tem cachorro, por isso que eu vou pra trás de casa antes de pegar a rua. Se a gente passa na frente de casa dá muito na cara — explicou o experiente fugitivo.

Apesar da hora, as ruas estavam já um bocado silenciosas.

— Aonde você vai?

— A Vanessa tá dando uma festa na casa dela. Ela me mandou um SMS avisando.

— Hoje? Dia de semana?

— Ué... Qual é o problema? Dia de semana é proibido por acaso, nenezão? Breno fechou a expressão e deu um soco no ombro do irmão.

— Ei! Para com isso. Sua mão tá ficando pesadinha já. Vou te ensinar uns golpes amanhã.

Chegaram à rua lateral da casa deles e começaram a descer em direção à residência da Vanessa. A menina morava a quatro quadras de distância, coisa de trezentos metros dali.

— Tem mais, os pais dela estão viajando nessa semana e na outra. A essa hora estão num cruzeiro marítimo. Já pensou? Ficar duas semanas no meio do mar?

— Deve ser da hora. Deve ter muita coisa legal pra fazer num transatlântico.

— Ô se tem. A mamãe tá pensando em levar a gente pra um cruzeiro marítimo no fim do ano, pra comemorar esse lance que vai acabar.

— Vai acabar hoje, disse ela.

— Tomara, não aguento mais dormir no seu quarto sentindo os seus peidos fedorentos.

— Ah! Olha quem fala... Você acha que o seu apelido é Foguete por causa do seu cabelinho vermelho, é?

Os irmãos riam enquanto desciam a rua.

O som reverberava alto na sala, fazendo a água do aquário, para o qual olhava, vibrar e soltar gotinhas para cima. Provavelmente os caros peixes ornamentais do pai da Vanessa estariam mortos antes do fim da madrugada se ninguém reduzisse o volume de “insuportável” para “alto o suficiente”. Ela mal conseguia ficar sentada no sofá, empurrada de cinco em cinco segundos pelas costas finas e pontudas do Gepeto, atracado a Nana há mais de uma hora. O som insuportável, os cutucos do amigo e as biritas nas ideias quase derrubaram o controle do game da sua mão. Ela sorriu. Nem em seu sonho mais lindo aquela festa iria estar assim, tão perfeita.

— Chiara, quer outra breja?

— Mané, breja, Jéss. Eu quero é subir nas costas dessa Hidra aqui e passar pro próximo monstro. Jéssica ficou olhando para Chiara.

— Tá. Se você tá feliz assim.

Chiara, sem despregar os olhos da TV de plasma, retrucou:

— Eu nunca estou feliz, cara. O único jeito de eu ficar quase feliz é quando a gente tá de galerão nas bikes, descendo montanha a milhão, sem pensar em mais nada. Aí eu fico feliz pra caramba. Ou quando eu termino um game que nem esse aqui.

Jéssica riu da amiga enquanto virava uma long neck na boca. Ia deixá-la em paz, subindo nas costas da tal da Hidra, caso não tivesse visto ELE entrar. Ele era só o cara mais fofo de todo o bairro e um dos poucos que não tinham papo de besta naquela turma. Seu nome era Pedro, fizera dezessete havia duas semanas, não tinha aquele jeitão másculo dos meninos mais velhos, mas seu sorriso era confiante, os olhos fritavam o coração de qualquer otária e os cabelos vermelhos de nascença eram os mais arrepiados do pedaço. O corpo era magrelo e sem graça, e já fora tema de muito tititi entre as garotas que não entendiam como aquele franguinho conseguia tirar o fôlego delas sem fazer o menor esforço. Talvez fosse justamente o jeito descontraído e despretenso, sem dar muita bola para nenhuma delas e simplesmente rindo junto das meninas, que o fazia brilhar, e tinha aquele lance do sorriso. Que sorriso era aquele do Foguete? O moleque tinha uma boca que dava vontade de passar com um rolo compressor por cima de qualquer piranha que ficasse perto dele só para ser a sortuda que ia chegar primeiro e acabar ganhando um beijo do príncipe encantado. Às vezes as meninas da turma chamavam ele de príncipe, sim, porque o Foguete não chegava babando e se esfregando que nem os outros carinhas. Os outros pareciam uns tarados sem educação. Pedro era diferente. Era divertido, engraçado e, apesar do jeito maduro com que falava às vezes, era leve como tomar picolé de limão num dia de sol, como faziam quando tinham nove anos de idade no recreio da escola. Jéssica tomou mais um gole de sua cerveja e piscou os olhos umas dez

vezes. Pedro tinha todas aquelas qualidades, mas já estava na mira de sua melhor amiga. O jeito era colocar a viola no saco e ajudar a camarada a garfar o ruivo.

— Chiara... — murmurou Jéssica.

— Hum — grunhiu a menina, entortando o controle do videogame.

— Olha só quem tá entrando.

— Não enche.

— É ele. O seu Foguete.

Chiara se atrapalhou ouvindo aquilo e caiu das costas do titã no qual tentava bater.

— Odeio esse menino — resmungou, virando-se para trás, balançando o controle e apanhando a cerveja da mão da amiga. — Sempre perco quando ele aparece.

— Odeia? O Foguete? Vocezinha?

Chiara olhou para ele entrando e abraçando a Vanessa. Saco! Detestava aquele sorriso maroto na boca dele. E que boca! Maldito moleque gostoso dos infernos! Ela odiava Pedro por mais uns quinze motivos. Ele era o único que fazia aquilo com a barriga dela, fazia ela ficar dura e parecer que tinha uma pedra de gelo ali dentro. Fazia com que ela, justo ela, a mais descolada e decidida, e mais fodona das amigas, se sentisse de pernas bambas. Não era toda vez que o otário fazia ela ficar de pernas moles, mas, quando o fazia, Cristo! Era duro dar um passo para longe dele! E ela mordida os lábios quando tentava disfarçar seu interesse, e também sentia ódio de outro efeito colateral que fazia todas as amigas se ligarem, apesar de todos os protestos e negações que ela vomitava em seguida. Ele a fazia tagarelar que nem uma louca varrida, sem parar e, muitas vezes, sem falar coisa com coisa, e a fazia parecer com uma groupie retardada de banda pop. Depois de passar uma manhã inteirinha trancada no quarto só pensando em como seria bom beijar aquele idiota da cabeça aos pés e ficar agarrada nele uma vida inteira, ela tinha decidido ficar focada em parar de parecer uma imbecil quando ele aparecia. Missão número 1: manter a boca calada quando ele estivesse por perto. Foi por isso que ela deu de ombros e respondeu:

— Odeio. Ele se acha muito pro meu gosto.

— Cala a boca, Chiara! O Pedro é o cara mais gente boa do colégio inteiro.

— Então pega ele pra você.

— Ai, Chiara! Sabia que você me irrita?! Até parece que você quer que eu pegue o Pedro! Quer que eu tente? Eu me garanto? Se existe uma coisa que eu tenho que moleque nenhum despreza é isso aqui — brincou Jéssica espremendo os seios com os braços no meio do decote.

— Deixa de ser ridícula, garota! — explodiu Chiara, dando um pause no game e levantando. — Fica quieta, e não aponta essas coisas pra ele ou eu te mato.

As duas riram um bocado e voltaram a olhar para o Foguete. Ele ainda estava falando com a Vanessa quando finalmente a anfitriã saiu da frente da porta, deixando mais um garoto entrar. Era Breno, o irmão mais novo de Pedro. Chiara sorriu e olhou para Jéssica.

— Olha como o Foguetinho cresceu. Ah! Ah! Ah! Já está ficando com aquela cara de homenzinho do Pedro. Olha a boquinha. Igualzinha — comentou Chiara.

— Pode crer.

— Aí, você espera mais uns cinco anos, Jéss, e pode ficar com ele.

— Sem graça. Fica aí vacilando com o Pedro que você vai ver o que te acontece. A fila anda, santa.

— Meu maior perigo agora é a Vanessa. Toda cheia de graça pra cima do Pedro.

— A Vanessa?! Chiara, não viaja!

Chiara continuou olhando para a porta enquanto colocava o cabelo para trás. Sua mãe tinha surtado quando ela apareceu com o cabelo raspado na nuca, bem baixinho, deixando só uma franja negra, longa e brilhante escorrendo na testa. Estranhou o fato de os irmãos estarem desacompanhados dos indefectíveis agentes da Federal. Aqueles caras iam até o banheiro com eles, um saco. Muita gente fazia chacota dos dois por viverem com os policiais na cola, e Chiara não era das que engrossavam esse coro. Ela sabia muito bem o porquê daqueles seguranças. Não eram filhinhos de madame. Ela sempre defendia Pedro das brincadeiras nas rodas que se formavam depois que ele passava, dizendo que queria ver como neguinho iria para a escola sabendo que tem um marginal motherfucker babando para botar as mãos em cima de você. É óbvio que eventualmente ela até se sentia aflita. Imaginava isso acontecendo, um dos capangas do Urso Branco deitando os dedos em Pedro e Breno e enrolando os dois em arame farpado. Antevia as imagens na TV, com manchetes e tudo, o sensacionalismo em torno dos corpos carbonizados em uma fogueira feita de pneus, encontrados em um descampado qualquer. Podia ver a mãe de Pedro chorando, agarrada aos caixões dos filhos. Era terrível só de imaginar, e depois se pegava chorando com medo de Pedro aparecer morto; Chiara entregou os pontos e pôs fé que estava mesmo apaixonada pelo carinha. Ele tinha dezessete, ela, dezesseis. Tinham tudo para dar certo. Chiara sabia que Pedro olhava mais para ela do que para as outras. Assim, não tinha certeza absoluta se ele a olhava com segundas e terceiras intenções, pra valer, mais do que só ficar, mas tinha quase certeza. Seu coração disparava só de pensar. E se ele fosse só o cara mais legal do universo? Ela até tinha tentado falar com a mãe a respeito, mas ela logo começou com aquela ladainha toda de que ela tinha que se vestir como uma mocinha, e não daquele jeito esculachado. Quando a mãe começava com aquele

mimimi infernal, Chiara só faltava explodir. A maior parte do tempo elas não se bicavam e não entravam em acordo nas conversas. A mãe impunha a ela uma estética que não existia mais! Um saco. Chiara girou pela sala sem saber muito o que fazer. Se ia lá falar com Pedro ou se jogava os dados e esperava ele vir falar com ela. Aí o coração disparava e a barriga gelava. E se uma daquelas piriguetes pegasse o Pedro antes de ele chegar até o meio da sala? Tá, tudo bem que eram só dez passos até onde ela estava, mas tanta coisa podia acontecer entre aqueles dez passos. Chiara fingiu tomar controle dos nervos e sentou no braço do outro sofá. Logo ao seu lado tinha outra pegação. Dois amigos estavam se beijando escandalosamente. Beijar era o jeito bonitinho de comentar a situação. Chiara riu lembrando o jeito que Jéssica falava quando via aqueles amassos violentos. Ela diria que o menino e a menina estavam já “quase fornicando” no sofá. O safado do Gabriel estava enfiando a mão por baixo da blusa da Nara e ela, esgrimando, beijando e esgrimando, impedindo que ele subisse os dedos gulosos.

— Gabriel! — gritou Chiara.

Os amigos pararam um segundo com a pegação e olharam para ela, soltando um sorriso matreiro cada um e voltando aos beijos.

Os olhos dela viraram para a porta. Pedro estava olhando para ela, com aquele sorriso delicioso. Ela sentiu a barriga gelar imediatamente e girou a cabeça para o lado, fingindo que procurava alguma coisa em Jéssica, que tinha apanhado o joystick do game e voltado ao jogo. Ó angústia! Chiara torceu os lábios e olhou de novo para Pedro. Ele vinha andando em sua direção. “Até que enfim!”, pensou.

— E aí, Chiara! Quanto tempo não te vejo.

— E aí, Foguete. Pois é, você vive escondido agora.

— É, né? Mas isso vai acabar hoje.

— Eu vi na TV mais cedo. O julgamento vai ser hoje, né?

— Na verdade está sendo bem agora. Minha mãe voltou pra lá.

— Sua mãe vai condenar o cara mais filho da mãe do Brasil.

— Vai, sim.

— Posso dizer uma coisa, com todo o respeito?

Pedro sorriu de novo e ficou olhando nos olhos da amiga, chegando mais perto.

— Você pode dizer o que quiser pra mim, Chiara. Até sem respeito.

Chiara sabia que ficara vermelha naquele exato momento. Suas bochechas ardiam e ela sentiu o peito encher além da conta com a respiração entrecortada. Por que ele estava tão pertinho? “Maldito seja você, Pedro Keller Varela, por fazer me sentir uma adolescente bobona e apaixonada”. Chiara poderia beijá-lo num piscar de olhos.

— Eu vou dizer, mas é com respeito. Hahaha! — dissimulou.

— Manda.

— Sua mãe, cara, sua mãe é muuuuito foda. Ela é a mulher mais foda que eu conheço.

— É. Temos nossas diferenças, mas eu sei que ela é foda.

— Não é só por hoje que eu estou falando.

— Ah, é? Está falando do quê então?

— De tudo que ela está fazendo, de tudo que ela fez até aqui, em nome do seu pai.

— Hum, você gosta de uma mulher vingativa, então?

Chiara enrijeceu o corpo no braço do sofá, endireitando a coluna e deixando-a reta, ficando com os olhos quase na mesma altura dos olhos dele. Ela meneou a cabeça negativamente enquanto imaginava se ele também sentia todo aquele tsunami de sensações assolando seu corpo e sua mente quando ela chegava perto.

— Não. Ela fez isso por amor. Por amor ao seu pai. Ela faria qualquer coisa por amor. O amor faz essas coisas com a gente.

Pedro abriu um sorriso leve que foi crescendo e, então, ele riu enquanto Chiara se ordenava mentalmente mil vezes para calar a boca. Aquilo já tinha soado ridículo o suficiente, e era assim que começava: ela falava uma bosta, depois outra, e outra, e outra.

Pedro foi se aproximando do rosto dela. Seu coração batia rápido. Ele podia sentir o calor das bochechas da garota. Ele fechou os olhos e, no segundo seguinte, já estavam com os lábios colados. Como a boca dela era deliciosa! O beijo surgiu de uma forma fantasticamente natural. Como se aquelas bocas já tivessem se beijado zilhões de vezes. Ele, encantado com a doçura e com o volume dos lábios dela. Ela, hipnotizada pelo frenesi de paixão e desejo e pela firmeza das mãos dele, uma em sua cintura, outra em seu pescoço. Ambos parecendo flutuar ali naquela sala, onde tudo ao redor desapareceu. Não havia mais Hidra a ser batida, não existiam mais traficantes no encalço de alguém, não estava ali a chata da Vanessa nem as preocupações de casa. Foi uma experiência mágica até que os lábios se descolaram e o mundo voltou a existir. Pedro baixou os olhos primeiro. Seu irmão estava ali ao lado dele, parado, olhando. Chiara olhou para o outro lado e encontrou Jéssica, que estava de boca aberta. A amiga começou a dizer coisas só movendo os lábios, sem emitir som algum. Chiara tomou ar e piscou os olhos. Pedro soltou sua cintura e virou-se para o irmão. Ergueu os ombros como quem pergunta “O que foi?”. No fim deu dois passos e alcançou Breno, passando a mão em sua cabeça, o que o deixava furioso porque o fazia se sentir um bebê. Breno deu um tapa na mão de Pedro.

— Se acalma, moleque. Vai dar um rolê pela casa, quem sabe você não descola uma boca bonita pra beijar. Tá na hora, já.

— Até parece.

— Vai, carinha, você é boa-pinta. Confia nos teus cabelos vermelhos. Hahaha!

Breno passou por Pedro e sentou no sofá onde Jéssica estava com o controle do game nas mãos.

— Esse jogo é velho, né? Eu li uma matéria especial dele na *Gameworld* on-line.

— *Shadow of the Colossus* não é velho, Foguetinho. É um clássico!

— Deixa eu jogar? No site falavam que era muito bom — pediu o garoto, já estendendo a mão.

— Deixa eu morrer primeiro, “forgado”?

Breno deu de ombros.

— Se te consola, eu sou uma merda jogando isso aqui. Morro rapidão.

— Tá.

— Sabia que você é bonitinho?

Breno ficou calado olhando para a garota sem saber se ela falava a verdade ou se estava de onda com a cara dele. Deu um sorriso no final e depois virou-se para a tela da TV.

Pedro olhou para Chiara. Ela ainda estava olhando para o lado, evitando seus olhos. Pedro ergueu o queixo da menina com o nó do indicador.

— Olha aqui.

Ela resistiu um pouquinho e acabou cedendo, virando o rosto.

— Já estou olhando.

— Olha aqui, no fundo dos meus olhos.

Chiara corou pela milésima vez. Aquilo era desconcertante e desconfortável.

— Faz tempo que eu queria te dar esse beijo.

— E por que não deu, então?

Foguete deu de ombros.

— Marquei touca?

Chiara fez que sim com a cabeça e saiu do braço do sofá.

— Marcou touca legal. Eu já tô pagando pau pra você faz um tempão.

Pedro abraçou Chiara. Um abraço bem apertado. Ouvir aquilo era como um bálsamo para toda a tribulação que trovejava em sua cabeça; era a chegada da calma, a bonança do bem-querer correspondido. Se ainda não a tinha, ao menos parecia uma vida feliz começando naquele instante. Chiara tinha um cheiro bom nos cabelos curtos e na pele. Cheiro de menina. Um odor que penetrava e o esquentava. Queria ficar mergulhado naquele abraço para sempre, esquecer que tinha se esgueirado para fora de casa para ter ao menos uma noite por sua conta,

sem ter que encarar os olhares dos amigos quando passavam como se ele fosse um alienígena porque estava escoltado por agentes da Polícia Federal.

— Não me aperta assim que eu gamo.

— Faz tempo que não me sinto assim.

— Assim como?

— Você cheira gostoso — desconversou.

— É? Me cheira de novo, depois de um downhill na lama. Aí a gente se fala.

— Por que a gente não vai para um lugar mais calmo que essa sala?

— Danadinho. Quer ficar sozinho comigo, não é? Minha mãe não deixa.

— A minha também não. Não percebeu que eu estou sem os policiais na minha cola?

— Eu notei, sim. Já ia te perguntar.

— Vem por aqui.

Os dois deixaram a ampla sala de estar e passaram pela sala de jantar até encontrar um jardim de inverno. Dali, Pedro guiou Chiara pela escadaria de madeira que levava ao segundo piso da residência até chegarem a uma pequena sala de TV. A grande tela estava ligada, e o canal de notícias exibia uma matéria sobre a São Paulo Fashion Week, que pouco interessou aos adolescentes. No segundo seguinte estavam aos beijos, deitados no sofá. Pedro por baixo e Chiara em cima dele, beijando-o desesperadamente. Num rápido intervalo ela parou e ficou olhando para a cara dele.

— Que foi?

— Você é um danadinho mesmo.

— Por quê?

— Como é que você conhece tanto assim a casa da Vanessa?

Pedro riu um bocado e sentou-se.

— Ué? Isso já é ciúme do namorado, é?

— Hum, além de danadinho é apressado. Quem disse que estamos namorando? Por enquanto você é só o meu peguete.

— Hahaha! Peguete nada. Agora que você caiu nas minhas garras não vou dar mole pra mais ninguém. Pode colocar uma aliança de compromisso aí nesse dedo.

— Para de me enrolar, Foguete. Explica, como é que chegou aqui nessa salinha assim, na maior facilidade?

— Eu estudo com a Vanessa desde que me entendo por gente. Já fiz altos trabalhos aqui nesta salinha. A dona Jú trazia altos suquinhos e bolinhos pra nossa galera.

— Altos trabalhos? Sei. Você dava era altos catos aqui neste sofá, isso sim.

— Ihh, já vi que você nem conhece a Vanessa tanto assim.
— Já ouvi umas historinhas dela. O suficiente pra não gostar.
— Você pode até não gostar dela, mas nunca vai precisar sentir ciúmes.
— Do que você está falando?
— A fruta que eu gosto, dona Chiara, a Vanessa chupa até o caroço.
— Não!
— Sério.

Chiara levantou-se no sofá e ergueu as mãos.

— Você tá brincando, certo?
— Tô nada. Ela é superchegada numa mina.
— Ai, que ódio!

A garota, enervada, andava de um lado pro outro enquanto falava.

— Por que isso agora? Você, toda descolada, vai dar uma de homofóbica agora?

— Não, não é nada disso, tontão. Eu curto gays.

— Você também?

— Cala a boca, Foguete! Tô dizendo que eu tenho um monte de amigos e amigas gays, mas, tipo, é de bom-tom a pessoa te falar, ao menos quando se é menina. Não acredito que a Vanessa é gay, cara. Ela já me viu pelada!

— Como é que é?

— Uma vez, na escola, eu tomei um caldo na piscina, com mochila e tudo. Fui voada para o vestiário da educação física. Cara, ela tava lá e eu pedi pra ela me ajudar a torcer meu uniforme. Porra! Ela me viu peladinha.

— Aposto que ela adorou.

Chiara deu uma série de tapas no ombro de Pedro.

— Vamos combinar uma coisa, gatinha?

— O quê?

— Primeiro beijo, depois briga.

Pedro agarrou novamente Chiara pela cintura e a puxou para o sofá, retomando os beijos na boca da garota, agora descendo também para o pescoço dela, que ficou imediatamente arrepiada.

— Meu Deus... Como isso é bom — gemeu ela.

Pedro agarrou a nuca de Chiara sem dar chance para ela tomar ar.

— Assim você me mata, Foguete.

— Fala menos e beija mais, Chiara.

A garota sentiu outro frio na barriga quando ele sussurrou seu nome baixinho no seu ouvido. A sessão de amasso só terminou quando da TV veio uma notícia que chamou a atenção do jovem ruivo. Pedro sentou-se no sofá e afastou Chiara, que tentava beijá-lo mais uma vez.

— Espera. É minha mãe.

Uma repórter falava da frente do fórum.

— Voltamos aqui ao vivo da frente do fórum criminal Mário Guimarães, na Barra Funda, onde está sendo julgado o traficante Djalma Aloísio Braga, o Urso Branco, alcunha que o criminoso ganhou após a rebelião no presídio de Urso Branco, em Rondônia. Os populares aqui ao redor do fórum fazem questão de aguardar a notícia da condenação do réu, em primeira mão, demonstrando o forte apoio à perseguição que a promotora Raquel Keller Vareda iniciou após o assassinato de seu marido, Davi Vareda, em emboscada que ela lutou para provar ter sido idealizada e executada pelo traficante e seus capangas. Depois de cinco anos de muita luta, finalmente a promotora Raquel...

Repentinamente a imagem desapareceu, dando lugar a um chuvisco e, segundos depois, uma tela preta.

— Putz, que saco! — protestou Pedro, levantando-se e procurando o controle remoto.

Chiara sentou-se e arrumou a blusinha colada ao corpo.

— Tá aqui — disse a garota, pressionando a tecla de canais. — Mas não está funcionando.

Pedro aproximou-se da TV e deslizou os dedos pela lateral, procurando os botões. Quando encontrou e alternou as emissoras, nada, só chuviscos.

Pedro tirou o celular do bolso. Sem sinal.

— Chiara, dá uma olhada no seu cel. Vê se tem sinal.

A menina obedeceu de pronto. Olhou para o display, e o desenho da antena estava apagado.

— Sem sinal. Como você sabe?

— Breno...

Chiara viu Pedro deixar a sala aflito sem dar qualquer tipo de resposta. Ela correu atrás dele, descendo as escadas de madeira, cruzando a sala de jantar e voltando para a frente da TV. Viu Pedro passar a mão pelos cabelos ao não encontrar o irmão ali no sofá.

— Você viu o meu irmão? — perguntou para Gabriel.

Gabriel, que continuava aos beijos com Nara, apontou para a porta que dava para a piscina.

Correram para lá. Nada. Pedro circulou a piscina e abriu um portãozinho que dividia o alambrado junto a uma alta cerca de sansão do campo. Um estrondo como um trovão fez o ar vibrar.

— O que foi isso? — perguntou Chiara.

Os dois ficaram olhando para o céu. O som parecia ter vindo bem do alto.

As nuvens e as estrelas continuavam lá. Latidos de cães subiram das casas.

Pássaros revoaram no céu escuro. Algo de muito esquisito estava acontecendo.

— Olha.

A menina, que tinha atravessado o alambrado, apontava para uma brasa viva que tinha acendido e agora sumia.

Os dois tomaram um caminho de pedras desenhado no gramado e chegaram a um jardim. Ouviram a voz de Jéssica cantarolando, pausadamente. Breno estava lá, sentado na frente dela. Ela deu uma tragada longa num cigarro e soprou a fumaça em direção ao irmão mais novo. Pedro, investido de espírito protetor, parou na frente do irmão.

— Vamos embora.

— Por quê?

— Já olhou seu celular?

Breno levantou-se do chão espalmado as mãos e livrando-as dos pedriscos que afundavam na pele. Apanhou o aparelho.

— Sem sinal.

— O meu tá assim, o da Chiara. Olha o seu, Jéssica.

A garota obedeceu prontamente. Digitou alguns números e colocou o aparelho no ouvido. Nada. Um silêncio profundo.

— Vamos embora — disse Breno.

— Por que essa noia com os telefones? — quis saber Jéssica.

Os meninos começaram a responder em movimento, perseguidos pelas garotas.

— Minha mãe sempre diz para verificarmos os celulares. Se todos estiverem sem sinal, é porque eles estão usando um aparelho para bloquear o sinal e evitar que nós ou os agentes da Federal peçam ajuda. Estão preparando uma armadilha pra pegar a gente.

— Eles? — inquiriu Chiara.

Pedro parou e se virou.

— É. O pessoal do Djalma está atrás da gente.

— Aqui? No condomínio?

— Eles não dão moleza. Eles podem entrar em qualquer lugar.

— Liga pros seus seguranças, então, pelo amor de Deus — clamou Chiara.

— Como, se todos os celulares estão mudos?

— Ô, vacilão, antes do celular existia uma parada que se chamava telefone fixo, lembra não? Vem comigo?

O trio passou a seguir Jéssica, que voltou para a grande casa de Vanessa.

O furgão branco com uma fotografia de palhaço adesivada de cada lado estacionou na frente do portão. O motorista baixou o vidro e exibiu seu rosto maquiado, com um nariz vermelho postiço sobre o verdadeiro.

— Alô, o palhaço chegoou — bradou, brincalhão.

Ninguém respondeu no interfone. Olhou para a guarita e viu três seguranças zanzando de lá pra cá. Uma fila crescente de carros encostando atrás do seu e nas guaritas de saída também. Olhou para o lado de dentro do imenso condomínio, mais meia dúzia de seguranças andando pelas cancelas, e dois deles em cima de motos. Alguma coisa estava acontecendo. O palhaço olhou para trás e gesticulou para os outros seis palhaços sentados. Um deles veio para a parte da frente e também olhou. Os seguranças da guarita olhavam para as telas de TV. A maioria delas estava apagada ou emitindo chuviscos. Voltou para trás e ficou calado.

Finalmente um dos seguranças apareceu na janela da guarita.

— Tá indo aonde, chegado?

— Festa da Bianca, casa do senhor... — o palhaço fez uma pausa e pegou um papel no banco ao lado, colocou um par de óculos e passou o dedo no papel. — Senhor Amadeu. Rua Pitanga, número 423.

O segurança apanhou uma prancheta e percorreu os avisos de acesso permitido até encontrar o recado da festa da dona Bianca.

— Tá chegando tarde, não tá, não?

— Não é festa de criança, chegado. O seu Amadeu contratou um show diferente para o aniversário da esposa. Um show bem diferente. Somos palhaços strippers. Hahaha! — O segurança olhou para dentro e para o chefe da equipe de vigilância.

— Libera, libera. O nome dele tá aí na prancheta?

— Tá.

— Deu pau nos interfones, telefones, tá tudo fora do ar. Libera que senão vai virar uma quizumba aí na frente que não vamos dar conta.

O segurança da janela se voltou para o palhaço e apontou a cancela.

— Sabe chegar lá?

— Sei.

— Bom trabalho, palhaço — brincou o segurança, sarcástico.

O motorista acelerou, e o furgão atravessou os muros do condomínio. Já tinha estado ali duas vezes andando pelas ruas para saber que aquele condomínio era um dos mais bem protegidos da cidade e que não teria melhor jeito de entrar ali do que daquela forma, como prestador de serviço. Olhou para os comparsas no banco de trás, eles já estavam com as armas nas mãos, prontos para a investida derradeira contra aquela vaca ruiva. Ela condenaria Djalma, mas não ganharia aquela batalha sem mais um pouco do gosto de sangue descendo pela garganta.

O motorista subiu duas ruas, em direção à residência do Amadeu para despistar. Conseguir colocar o nome na lista de visitantes tinha sido fácil. Um pouco de esforço da Sardenta nas redes sociais, logo o velho Amadeu estava

babando pela comparsa, que conseguiu descobrir que a esposa do Amadeu fazia aniversário e era chegada em baladas “alternativas”, como danceterias de swingers, clubes de mulheres e toda sorte de showzinhos eróticos para apimentar a relação dela e dos amigos do casal. Então tinham ligado oferecendo um show de strippers como cortesia de um clube de swingers para promover a casa. Caíram como pato e colocaram o nome da equipe na lista de prestadores de serviços autorizados. Carlos olhou pelo retrovisor sem encontrar nenhum carro de segurança em seu encaixe. Encostou a van no meio-fio e abriu o porta-luvas tirando uma pistola Glock .40. Apanhou o celular e digitou o número da Sardenta, a mulher do chefe. Ela que estava no comando da operação. O combinado era que ela ligaria caso tivessem que abandonar a missão, e nenhum sinal tinha vindo do comando até o momento. Mesmo assim ele tomou a iniciativa de ter a confirmação, quando ele dobrasse a rua não teria volta. Iria ser ou tudo ou nada contra a casa da promotora. Ela estava longe, no tribunal, enquanto seus filhos estariam no lar, protegidos por um bom número de agentes. Evidentemente, que os homens da Federal estariam preparados, armados e alertas até os dentes, mas o plano de ataque surpresa era bom, teriam uma boa chance de cravar um punhal no peito da “urubuzona”. O silêncio no outro lado da linha era total. Não chamava, não caía na caixa postal, nada. Um branco perturbador. Olhou para o display. Sem sinal.

— Bosta. Isso é hora pra ficar sem sinal? Me empresta o seu aí, Marcião.

O homem no banco de trás tirou um aparelho do bolso do casaco. Carlos apanhou e olhou para a tela. Também sem sinal.

— Enfia no rabo essa merda! Tá sem sinal! — reclamou, jogando para trás.

— Acalma os nervos aí, patrão. Deixa eu ver o outro aqui.

Marcião vasculhou o casaco procurando outro aparelho.

— Eu ando com três celulares aqui. Um de cada operadora, já pra não ter zica.

Logo o bandido estava com mais dois aparelhos na mão e um rosto descontente.

— Mas parece que não é nossa noite de sorte, Carlos. Tá tudo zoadado, tudo sem sinal.

Os bandidos, como que ensaiados, foram revirando suas coisas e conferindo os aparelhos. Ninguém tinha sinal.

Carlos apertou as mãos no volante. Em geral, quando todas as operadoras estavam fora do ar, era trabalho de algum embaralhador de sinal. O lance é que normalmente eram eles que faziam isso, quando iam começar um assalto ou coisa do tipo. Talvez a Federal tenha ficado esperta... Mas não teriam permissão de ligar um bloqueador ali, num bairro residencial, o tempo todo. A vizinhança já teria caído no fígado da promotora, certeza. Deixa um bando de burguês

sem luz, internet ou celular para ver a bagunça que se arranja. Carlos coçou a cabeça e olhou para os comparsas. Marcião, com peruca de palhaço, soergueu as sobrancelhas.

— Ninguém tem sinal nessa porra? — perguntou irritado.

Os seis palhaços, mais os três homens escondidos no compartimento atrás do banco, já tinham conferido. Todos fora do ar.

— E aí, chefia? Tamos na tua fita.

— Lembrem do que eu falei, é tiro na cabeça. Esses cabruncos aí andam só de colete.

— Fechou.

— Vamo que vamo?

— Não é melhor esperar a ligação do Comandante? — perguntou Adilson.

— Tá tudo sem sinal, sabichão. Como é que vou esperar por uma ligação se isso aqui não tá funcionando? Não podemos ficar aqui morgando no meio da rua. Os seguranças fazem patrulha a todo instante. E se sairmos do condomínio não podemos voltar mais tarde. Não tamo fazendo entrega de pizza, sabichão.

Carlos olhou para Adilson pelo retrovisor. Fora a ridícula peruca amarela cobrindo a careca, encontrou os olhos mansos do capanga. Ele tinha aquela cara de peixe morto, mas era um dos bandidos mais sangues-frios com que já tinha trombado na vida. Sabia por que ele estava com aquela cara e por que lançara aquela pergunta que, à primeira vista, tinha parecido tonta. Djalma seria preso. O ataque que estavam prestes a fazer, à la Jihad, caso fosse bem-sucedido, renderia baixas nos dois lados. Policiais federais feridos e mortos de um lado, dois ou três de seus homens do bando tombados do lado de cá. Tudo isso para cumprir uma promessa e fazer valer a palavra de Djalma Urso Branco. Para mostrar que, mesmo preso, o traficante continuaria tocando o terror do lado de fora. Adilson tinha dito que aquilo era birra e não valia o esforço. Depois daquele atentado, matando Polícia Federal e matando duas crianças, seriam caçados até o fim. Carlos tinha rebatido que tanto fazia se aquilo fosse feito para saciar o ego do Djalma ou se de fato seria encarado como uma mensagem de guerra. Pouco importava. O lance é que tinha aceitado o dinheiro do traficante para encarar aquela pedreira. Recebera um bom cascalho, mais as armas que tinham trazido. Não era pouca coisa. Adilson tinha também resmungado que eles eram assaltantes de banco, não assassinos de crianças. Que aquela coisa de invadir casa para matar criança era um pouco demais. Já tinha sido ele quem apagara o marido da promotora, cacete! Carlos convenceu o parceiro do crime a fazer mais essa. E aquele olhar que ele lançava de trás, junto da pergunta, era só para cavar uma brecha, mostrar uma oportunidade legítima de deixar tudo para trás.

— O cara falou que ia ligar, meu irmão. Eu tô achando muito sinistro esse negócio de não ter sinal aqui — tornou Adilson.

Carlos continuou com os olhos no retrovisor, mirando cada um dos capangas. Eram nove dos melhores atiradores e psicopatas assaltantes de banco, com ele formavam dez mercenários. Na casa tinha uns seis agentes, mais os dois moleques.

— Vamo que vamo? — perguntou Carlos mais uma vez.

Os bandidos continuaram em silêncio, retirando suas fantasias e perucas, mantendo apenas a maquiagem sobre o rosto que acabaria por encobertá-los diante das câmeras de vigilância. Sem abrir o bico, diziam, eloquentes que não queriam tomar partido de Carlos nem de Adilson. Eles que resolvessem o destino. Se fossem para cima, iriam para cima. Estavam ali para isso, para sentar o dedo nos federais. Se voltassem para casa, ótimo. Voltariam todos vivos, que o Carlos se virasse com o Comandante depois.

Pedro entrou na sala mais uma vez. Não demorou para localizar o aparelho de telefone sem fio. Pressionou a tecla de discagem para liberar a linha. Sinal de ocupado.

— Saco. Não tá funcionando também — reclamou, nervoso, olhando para o irmão e para Chiara.

— Isso não está me cheirando bem, Pedro.

— Calma, Breno. Ainda não sabemos o que está acontecendo, ok? Pode não ser nada.

— Celular fora do ar, telefone sem funcionar e até a televisão. Eu já vi isso nos filmes, mano. Eles estão aqui, atrás da gente.

— Breno, se acalma.

— Me acalmo o escambau! Precisamos voltar pra casa correndo. O Flávio nem sabe que a gente saiu.

— Exato. Nem a polícia nem os bandidos. Como eles iam saber que estamos aqui, Breno?

— Não sei, Pedro. Não sei. Só sei que esses caras descobrem tudo. A mãe sempre diz: na dúvida, não vacile.

Chiara e Jéssica ficaram olhando, alternando de irmão para irmão a cada fala. Jéssica ainda fumando, dando tragadas rápidas e nervosas.

Breno andou até a janela da sala de Vanessa e olhou para a rua escura.

— O que a gente faz agora, Pedro?

— Melhor tomar uma bronca por causa da fuga do que ficar de bobeira. Você mesmo disse, mano. Na dúvida, não vacile.

— Vamos voltar pra casa, é isso?

— Agora.

— A gente vai com vocês, nunca vi um esporro da Polícia Federal. Hahaha! Deve ser da hora — brincou Chiara, puxando Jéssica pela mão.

— Melhor não, meninas. A coisa está estranha. Não estou gostando dessa história de o celular não funcionar.

Jéssica soltou uma baforada suavemente no rosto de Pedro e falou:

— Se o bicho pegar, a gente cuida de você, Foguete.

Pedro sorriu e balançou a cabeça.

— Tá, venham. Mas tomem cuidado. Qualquer coisa esquisita, corram, para bem longe da gente.

Finalmente Carlos decidiu-se pela grana e pelas armas e pisou no acelerador.

— Tiros na cabeça. Se fizerem isso, vai dar tudo certo.

Carlos tinha passado pela frente da casa da promotora uma dúzia de vezes disfarçado de corredor. Tinha vindo com a Vandinha. Como ela era novinha, se passava fácil por filha ou namoradinha de empresário abastado, coisa que pululava naqueles condomínios. Umás três vezes pararam quase na frente da casa da promotora fazendo alongamentos, sem despertar qualquer suspeita nem nos federais nem na segurança patrimonial. Sempre tinha pelo menos um policial Federal na varanda da casa. Tinha visto dois rostos diferentes. Numa das vezes viu o carro no qual o motorista levava os garotos para a escola, um Ford Fusion preto. Com a porta da garagem aberta, viu que havia, lá dentro da garagem, uma porta de serviço. Portão de madeira automatizado, com motor que o fazia se levantar e descer mecanicamente, e afastado uns cinco metros da calçada. A julgar pela posição da frente da casa, a porta de serviço deveria passar por uma cozinha, e depois estaria no meio da sala. Numa outra volta pôde ver, pela janela aberta por um dos garotos, uma escada. A escada que levava para o segundo piso. Quantos policiais ficavam de prontidão, nunca soube exatamente. O que se sabia e se estimava por conta de entrevistas que colheu na rede é que coisa de seis policiais acompanhavam os meninos dia e noite. Eles não podiam pôr o nariz na varanda sem estar de colete à prova de balas e dois cães de guarda cada um, armados com uma .40. Não era difícil ver agentes portando fuzis nos carros de apoio. Por isso seu bando trazia fuzis também. Como diziam por aí, ia ser briga de cachorro grande. Coisa rápida. Entrar, executar, sair. Tudo bem que a data inspiraria cuidados extras nos agentes, mas o avançado da hora, a noite feita e a monotonia dariam alguma cobertura ao seu plano. A essa altura do campeonato os agentes já deveriam achar que o bando do Djalma estava vencido. Se a inteligência da Federal estivesse ligada nos capangas do Urso Branco, não contariam com uma ação vinda de um grupo de fora, de assaltantes de banco, de mercenários contratados para o crime. O plano ia funcionar. Uma mistura fina de simplicidade e ousadia. Usariam o furgão como aríete, arremessando-o contra o portão de madeira da garagem. Desceriam do furgão e tomariam o

corredor rapidamente. Era imprescindível chegar até a sala o mais rápido possível. Seu bando ficar preso no corredor seria um atestado de burrice. Enquanto seis ganhavam a casa, quatro se dividiriam, dando cobertura do lado de fora, tomando posições estratégicas. Qualquer pessoa que saísse, qualquer pescoço que aparecesse nas janelas, ia tomar bala. Entraram na rua vagarosamente. Tudo manso e de acordo. A tensão foi crescendo a cada respiração dos bandidos.

— Liguem os rádios! Agora não tem volta — avisou Adilson.

Todos pressionaram o botão do aparelho que só poderia ser ligado quando estivessem chegando, para evitar a varredura dos agentes federais. Os homens não brincavam em serviço, ainda mais quando a mídia estava dando o maior cartaz para o caso de proteção da promotora Raquel, um paladino de saias, travando uma luta terrível contra o narcotráfico brasileiro. O som do motor acelerando fez uma carga de adrenalina ser lançada no sangue de cada um daqueles soldados.

— Segura! — gritou Carlos.

O furgão, como previsto, varou o portão de madeira com grande estardalhaço. A porta do lado direito ficou enganchada em restos de madeira e ferro, prensada contra o Ford Fusion que estava estacionado. Imaginando contratempos, Carlos tinha exigido um furgão com duas portas. A do lado esquerdo deslizou suavemente, dando vazão aos bandidos.

Carlos não era do tipo que se intimidava em combates, foi o primeiro a alcançar a porta de serviço. Silêncio. Girou. Trancada. Fez um sinal para Marcião, que enfiou o pé, fazendo a porta voar do batente. Carlos puxou o pino de uma granada e soltou a trava.

— Eu amo isso aqui.

Arremessou o artefato para o fim do corredor, uma explosão infernal de luz clareou a garagem, e só depois que o chefe gritou os homens voltaram a abrir os olhos. Carlos e Marcião iam lado a lado. Dois agentes estavam de pé, atirando na direção do corredor, às cegas. Carlos fez pontaria e abateu os dois. Os tiros cessaram, e Marcião avançou para a sala enquanto uma rajada de disparos foi ouvida do lado de fora da mansão.

— Menos dois! — gritou o bandido.

Celso e Adilson vinham logo atrás. Uma porta se abriu no corredor, à esquerda, surpreendendo a dupla. Um disparo. Celso caiu mudo. Adilson encostou na parede, rente à porta aberta, e pressionou o rádio.

— Aqui atrás.

Quando o braço do agente Federal, empunhando uma pistola, apareceu no corredor, Adilson já tinha soltado seu fuzil e agarrado uma faca. Com sua frieza parceira das horas de agonia, agarrou o punho do agente, puxando-o para perto e cravando a lâmina em sua garganta. O agente conseguiu efetuar dois

disparos, mas logo tombou sobre Celso, soltando a pistola e levando as mãos ao cabo da faca enterrada em sua traqueia. Adilson apanhou a pistola caída e a enfiou no bolso; em seguida, virou o policial que tremelicava lutando contra a gadanha da morte, que ia chegando de mansinho. Puxou a faca com tudo, limpando-a no colete do verme e guardando-a na bainha mais uma vez. Olhou para o corredor, Marcião tinha desaparecido e não tinha voltado quando pediu ajuda pelo rádio.

Um quinto bandido, que chegava pelo corredor, logo atrás de Adilson, fez um sinal para a porta aberta a sua frente. O rapaz recostou-se à parede e foi caminhando lentamente, de lado, e olhou para dentro, fazendo outro sinal para Adilson, que entrou. Era uma cozinha. Um prato sobre a mesa com um pouco de macarrão. Sprite. Estava vazia. Voltou para o corredor e para a sala. Carlos e Marcião não estavam mais lá. Correu até a janela. Podia ver um dos seus parceiros lá fora. Pressionou o rádio.

— Onde você tá, Carlão?

Nenhuma resposta. Virou-se para o garoto que o acompanhava.

— Você ouviu minha voz no rádio?

O garoto fez que não com a cabeça.

— Merda. Até o rádio não funciona.

Adilson olhou para o chão da sala. Dois policiais caídos, mortos, tiros certeiros na testa. Gesticulou para o seu companheiro e subiram as escadas procurando os comparsas. Chegando no último degrau, parou, escutando. Passos adiante. O corredor estava claro, havia cinco portas, duas à direita, duas à esquerda e uma no final do corredor. Esta última estava fechada. Adilson sabia que ali não era o melhor lugar do mundo para ficar. Se tivesse um policial do outro lado da porta, ele poderia abrir fogo às cegas contra a porta de madeira e derrubar todo mundo. Caminhou até a primeira porta à sua direita e entrou rapidamente. Quarto de moleque. A cama estava vazia. Suspirou com certo alívio. Ele não queria encontrar nenhum dos garotos. Estava ali para dar apoio ao Carlos, e só. Não queria ser ele a puxar o gatilho para matar porra de criança nenhuma.

Pedro subia a rua e olhava insistentemente para o celular enquanto avançavam. Tinha parado umas duas vezes e olhado para trás, para as sombras. Poucos carros passavam, posto que era dia de semana, e torcia para que uma viatura do condomínio passasse por ali. Ninguém no bando do marginal iria pensar que os irmãos estivessem à solta pela rua, sem seguranças, mas podiam ter algum tipo de informante que tinha visto saindo de casa apenas os dois, e agora estivessem por ali, tentando encontrá-los. Pedro não queria assustar ainda mais o irmão, então sorria para ele, dissimulando sua preocupação nas duas

vezes em que um carro virou a rua vindo em direção a eles. Do primeiro carro ele reconheceu o motorista. Um carinho da sua rua que estava com a namorada. Eles sempre saíam tarde da noite. Dois minutos depois desceu mais um carro de passeio. Ele veio bem devagar, com a luz alta, deixando-os completamente cegos. Pedro colocou Breno atrás de si, protegendo-se atrás de uma árvore. As meninas ficaram coladas ao muro da casa por onde passavam e não respiraram até o carro cruzar o asfalto em frente a eles. O ar esfriou ao redor daquele grupo, parecendo congelar aqueles segundos. Pedro olhou para dentro do carro sem reconhecer quem dirigia. Só não tinha gostado daquela velocidade, vagarosa, demorada, como se ali dentro o motorista procurasse por ratazanas fúgitivas pelas calçadas. O carro dobrou a esquina sem parar, dissipando aquela atmosfera: medo mesclado à expectativa.

— Vamos — comandou Pedro.

Continuaram subindo. Cães ladravam aqui e ali. Cada fachada daquelas imensas casas de condomínio fechado que conseguiam cruzar era uma vitória que os deixava mais perto da salvação. Pedro olhava para o irmão e as amigas, tentando passar alguma confiança e se alimentar de alguma energia positiva. Em troca, porém, tudo o que encontrava nos olhos do irmão e, em consequência, das garotas era um temor velado que fazia o vazio em seu estômago crescer. Chegaram em mais uma esquina. Pedro deixou os olhos correrem pelos quatro cantos do fim do quarteirão. Um cruzamento era o lugar onde ficariam mais expostos a um atirador. Seu pai tinha morrido assim, em uma emboscada covarde, armada por assassinos escondidos.

— Rápido! Não fiquem parados aqui!

O som dos passos da turma ecoaram pela esquina. Outra vitória. Só mais um quarteirão e estariam lá.

Continuaram subindo. Breno sorriu quando viu a luz da sala de sua casa acesa, lá em cima, no quarteirão, do outro lado da rua. A rua em que estavam, ao seu final, formava um T, acabando exatamente na frente da casa deles. Antigamente a mãe gostava de ficar na janela do quarto dela olhando para baixo, dava pra ver quase o condomínio todo ali do alto.

— Falei que não era nada — disse Chiara. — Já estamos chegando.

— É — murmurou o garoto.

O sorriso da turma se diluiu e se transformou em perplexidade quando viram uma van com desenho de palhaço na lateral passar no final da rua. Ela parecia que ia simplesmente cruzar o campo visual deles. O que manteve os olhos dos garotos grudados nela não foi a cara do Bozo estampada no veículo, mas o fato de ele, repentinamente, dar uma guinada para a esquerda e entrar na calçada que dava na garagem da casa sem reduzir a velocidade, cantando os pneus. Ouviram, pelo ronco do motor, a van acelerando ainda mais em vez de

parar e, num segundo, o barulho do impacto quando ela se arreventou contra o portão de madeira, provocando um estardalhaço espetacular que fez com que todos os cães do condomínio começassem a latir.

— Que foi isso? — perguntou Jéssica, ajoelhando-se.

Todos ainda estavam tomados por um torpor, uma perplexidade que enregelava o sangue e também anestesiava os músculos, mantendo-os cativos daquele momento, forçando-os a testemunhar a terrível verdade que se desenrolava diante de seus olhos. Homens armados com fuzis estavam pulando dos carros, esparramando-se pela garagem, e ao menos um deles vinha em sua direção!

Pedro abaixou-se, sendo imitado pelos outros, beneficiando-se dos arbustos e da folhagem do salgueiro plantado no jardim da casa da esquina.

— Vamos sair daqui, Pedro!

O garoto tinha os olhos arregalados e agarrava o pulso do irmão.

— Pedro! — gemeu Chiara, entredentes, sufocando um grito.

Ainda encurvado, ele caminhou de costas alguns passos. Estava escuro, mas viu quando a porta da área de serviço foi arrombada. Os homens encapuzados jogaram alguma coisa no corredor. Um alarme em sua mente disparou.

— A gente tem que sair daqui.

O homem que caminhava da frente da sua casa até o meio da rua na direção do grupo já tinha virado de costas e olhava para os lados. Lançou um olhar para a esquina onde estavam escondidos, mas, por pura sorte, não pareceu enxergá-los. Ele tinha o rosto maquiado de palhaço, o que lhe emprestava um aspecto bastante sombrio naquele cenário.

Nesse momento o quarteto prendeu a respiração e praticamente se transformou em sombra. Jéssica começou a gemer e Chiara tapou a boca da amiga. Foram passo a passo se afastando. Tinham que dar o fora dali de qualquer jeito. Pedro puxou Breno e Jéssica para o gramado. Os arbustos faziam agora uma cerca completa, não tinha como serem vistos. Só precisavam do silêncio para pensar em um jeito de desaparecer do foco do perigo. Dois disparos fizeram com que os quatro, ao mesmo tempo, estremeassem. Eles se entreolharam de forma nervosa. Pedro pensou nos agentes que tinha deixado para trás na casa. Se os tivesse chamado para a festa da Vanessa não estariam lá agora.

— Eles são bons. Vão acabar com esses caras — falou Chiara, baixinho, parecendo ler seus pensamentos.

Pedro fez um sinal de silêncio e depois outro para que se levantassem. Ouviu barulho às suas costas. Uma fresta de uma janela foi aberta. Os vizinhos curiosos começavam a espreitar. O bom é que logo chamariam a polícia e os bandidos seriam cercados. O ruim é que talvez aquela janela em particular chamasse a atenção do mercenário que estava mais próximo a eles. Estavam prestes a sair dali quando a rua foi inundada pela luz amarela do giroflex da viatura

da guarda patrimonial. Um Renault Mégane, caracterizado com adesivos com o logotipo da empresa, um brasão na forma da cabeça de um lobo-guará, subia em alta velocidade com o motor roncando. Os garotos mais uma vez se abaixaram para não chamar a atenção. O carro parou numa freada ruidosa a poucos metros de distância, derrapando de lado, à direita dos adolescentes. O veículo foi recebido à bala pelo inusitado palhaço que portava um fuzil. A coisa toda parecia não ser real. As balas zuniam e perfuravam o capô e o para-brisa do carro. Pedro viu a luz de ré do Mégane se acender, e mais uma rajada de tiros acertou o veículo, quebrando um farol e arrancando o retrovisor do lado do motorista. O carro deu ré desgovernado na direção do quarteto.

— Cuidado! — gritou Pedro, puxando o irmão.

Chiara e Jéssica tombaram para o outro lado e correram para trás do veículo estacionado na casa da esquina, buscando proteção. A janela da casa se fechou com estrépito. Certamente os moradores estavam apavorados. A coisa de dois metros de distância de onde estava, Pedro viu a porta do Mégane se abrir e o motorista descer, cuspidando sangue. Seu rosto estava escurecido e coberto de sangue, apenas um olho era identificável no meio da bagunça que tinha se transformado sua cabeça. Ele tombou na calçada e olhou para os dois garotos. Olhou para o palhaço e ergueu a arma, quando finalmente foi atingido por mais uma saraivada de tiros. O palhaço ficou parado no meio da rua, e uma explosão de luz escapou da casa dos meninos. Pedro já tinha visto aquilo no cinema. Era uma granada de luz usada para atordoar o inimigo em invasões. Simultâneo ao seu pensamento o som de mais tiros veio de dentro da casa, para azar dos agentes federais e sorte dos garotos na calçada, visto que o palhaço assassino virou-se em direção aos tiros. Pedro arriscou um olhar para trás, na varanda superior surgiu outro dos mercenários, que ficou olhando para a rua. Pedro tinha a respiração entrecortada e a cabeça voando a mil. Não sabia se os agentes da Federal tinham sido dizimados ou se saíam vitoriosos daquele ataque. Não sabia quanto tempo duraria aquele tiroteio e tentava imaginar o que aconteceria quando a ficha dos invasores caísse e eles percebessem que os alvos daquele assalto não estavam lá. Logo entrariam no quarto e perceberiam que, em vez de corpos, tinha só dois pares de cobertores e travesseiros enrolados sob as mantas. Muitas dúvidas e uma única certeza. Não podiam ficar parados ali. Ouvindo o gemido e o choro das garotas e do irmão Pedro, pediu calma. Arrastou-se em direção à viatura da segurança privada e só conseguiu ver o bico do veículo parado no meio da rua. Abaixou-se mais um pouco, evitando sair da proteção do tronco da árvore, e viu a mão ensanguentada do segurança.

— Matei eles! — gritou o bandido no meio da rua.

O grito fez os garotos estremecerem. Pedro ficou com o ouvido alerta e, ainda mergulhado nas sombras, tentou ver onde o homem estava. Se ele entras-

se na casa, poderiam arriscar a corrida até a portaria. Até lá eram dois longos quilômetros. Talvez o melhor fosse voltar para a casa da Vanessa e torcer para o telefone fixo ter voltado a funcionar. O coração do garoto batia disparado, olhava a todo instante para Breno e para as meninas. Jéssica estava agora com duas cascatas negras descendo pelo rosto por culpa das lágrimas que lavavam sua maquiagem. Chiara estava com um olhar atônito e incrédulo, como se aquilo fosse irreal ou só mais uma cena dentro dos violentos jogos de videogame de que ela tanto gostava. Pedro voltou a olhar para a rua e viu o homem com o fuzil parado no meio do asfalto. Uma distância de no máximo vinte metros os separavam. Um gemido mais alto poderia ser escutado. Por sorte os cachorros não paravam de latir. O garoto levantou os olhos e viu o homem da varanda, também maquiado, balançar a cabeça. Um terceiro surgiu na varanda, conternado e nervoso, que revelou:

— Os garotos não estão aqui. Viemos aqui só pra nos fodermos.

Pedro e Breno não respiravam. Se o palhaço desse mais dez passos para a frente, poderia encontrá-los na hora.

— Eles estão por aqui. Pode apostar. Vamos revirar cada canto dessa casa e desse lugar. Se os federais estavam aqui é porque eles não estão longe — gritou o primeiro da varanda.

— Você sabe o que aconteceu com os rádios? Não estão funcionando! — foi a vez de o palhaço em frente à casa perguntar.

Pedro não ouviu nenhuma resposta. Seus olhos foram para dentro da viatura. No banco do passageiro estava o corpo do segundo vigia, que não tivera nem tempo de reagir. Estava ainda preso ao cinto de segurança, com a cabeça tombada para a frente. Os ouvidos de Pedro estavam agora focados nos passos do palhaço que se afastava. O som cadenciado do motor do Mégane cobriu o ar por alguns segundos até ser sobreposto pelo barulho de uma moto subindo a rua, o que fez Pedro se enregelar pela milésima vez. A motocicleta subia pela rua de trás. Certamente outro segurança desavisado que seria alvejado assim que pintasse no fim da rua. Pedro viu a porta da frente da casa abrir e mais três daqueles homens saírem.

— Vai lá ver se aquele cara no carro morreu mesmo — gritou um deles para alguém.

Sem querer, o garoto apertou o braço do irmão mais novo, apreensivo. Os olhos dos dois se encontraram. Breno estava com a figura do pavor estampada no rosto. Eles viriam até o carro. Eles os encontrariam, e era isso, o fim. Seriam executados a tiros de fuzil, ali, no jardim da dona Nina.

— Tira a gente daqui, Pedro. Eu não quero morrer.

Pedro agora tremia dos pés à cabeça. Seu coração estava quase pulando pela garganta. Tinha que dar um jeito. Tinha que lutar. Podia fazer alguma coisa

para chamar a atenção daqueles marginais e fazer com que fosse seguido. Chiara conseguiria levar Breno e Jéssica para um lugar seguro. A moto estava chegando e criaria um segundo de distração entre os bandidos.

— Chiara... — murmurou o rapaz.

Chiara olhou para o namorado e balançou a cabeça em sinal negativo, com se adivinhasse só pelo olhar que Pedro lhe deu.

— Você precisa levar eles para algum lugar. Bata em qualquer porta e peça ajuda. Só tire o meu irmão daqui.

— Pedro... — choramingou o irmão. — Não, Pedro.

— Você que tem que levar a gente, Foguete. — sussurrou a menina.

— Eu distraio eles e você foge com o Breno e a Jéss. Vai dar tudo certo.

— Pedroooo... — chorava o irmão mais novo. — Não vai... Fica.

Pedro olhou para a rua por entre as folhas oblongas do salgueiro. Os homens estavam olhando na direção da esquina. Finalmente a motocicleta surgiu com a luz dos giroflex lambendo as paredes das casas. O palhaço do meio da rua ergueu o fuzil e efetuou disparos. A moto bambeou, mas não caiu, o motociclista conseguiu virar e iniciar a fuga. Os bandidos correram na direção da esquina. Pedro estava tonto de tanta tensão. Não tinha pensado em fazer aquilo por se sentir um super-herói. Faria aquilo porque era tudo ou nada. Se ficasse ali parado esperando, ele e seu irmão seriam mortos. Fazendo aquilo daria chance para que ao menos Breno vivesse. Do contrário, toda a luta da mãe seria vazia e sem sentido. Contudo, quando todos os bandidos correram, atraídos pelo infeliz vigilante, Pedro teve outra visão. Uma chance brilhou diante de seus olhos num átimo. Foi nesse momento, sob o signo do desespero, que Pedro fez a coisa mais ousada de sua vida. O garoto correu até o carro fuzilado e pulou no banco do piloto. Olhou para o câmbio, desembreou o carro e pisou no acelerador só para ter certeza de que o motor estava ligado. Sentia câimbras no estômago, sua voz quase não saiu quando precisou gritar:

— Vem, Breno, vem!

Olhou para a rua. Ainda estavam atirando contra o motoqueiro que tinha caído e se refugiava entre um ou outro carro estacionado para o lado esquerdo da casa.

— Vem! — gritou.

Breno estava paralisado de medo. Só conseguiu se levantar quando a mão de Chiara agarrou seu braço e o puxou, abrindo a porta de trás do Mégane.

Um tiro acertou o capô. Depois mais dois ou três.

— Entra!!! — gritava Pedro a plenos pulmões.

Chiara bateu a porta traseira assim que conseguiu puxar as pernas de Jéssica sobre si.

Pedro tentava engatar a primeira marcha, mas só se ouvia o ronco do arranhar do câmbio. Então o carro engatou e Pedro pisou fundo no acelerador, girando o volante sem conseguir completar a curva, subindo no gramado da casa do outro lado da rua. Tiros acertaram a lateral do carro, e o vidro do passageiro traseiro esquerdo explodiu em mil pedaços. As meninas gritavam, e o irmão chorava. Seus olhos ardiavam e mais faíscas espocavam do lado de fora. Pedro finalmente conseguiu tirar o carro da calçada pisando fundo no acelerador. Passou para a segunda marcha e pisou novamente, fazendo com que seu corpo colasse no banco do motorista. Desceu a rua praticamente desgovernado. Ele sabia dirigir. Tinha dirigido algumas vezes o Fusion, mas ele era automático. Sua mãe nem sonhava que o motorista já tinha deixado ele conduzir meia dúzia de vezes. Contudo, dirigir naquelas condições, para salvar a própria vida, era outra coisa. O coração continuava praticamente pulando da garganta.

Marcião tirou a toalha do braço de Carlos. O sangue tinha empapado tudo. Quando olhou para a ferida, balançou a cabeça.

— Velho, você precisa ir para o hospital agora mesmo. Isso é sangue arterial, e tá saindo bastante. O filho da mãe te acertou direitinho.

— Não tenho tempo pra hospital agora, mané. Já tomei mais de quatro tiros e não morri — resmungou, voltando a pressionar a ferida com a toalha.

Pulou o corpo do Zeca e voltou até o quarto da urubuzona. Adilson estava na varanda atirando.

— Que zona é essa?

— O menino da urubuzona.

— Que que tem?

Carlos adiantou-se, empurrando Adilson, espremendo-se na porta e chegando na varanda a tempo de ver a luz de um carro descendo a rua a toda velocidade. Cheiro de borracha queimada e pólvora.

— Eles estão naquele carro?

— Acho que são eles. Dois moleques ruivos, mais duas minas.

— Vamos atrás, agora!

Carlos saiu do quarto, agora desviando do corpo do agente Flávio. Voou pelas escadas de posse do seu fuzil com Adilson no seu encaicho. Correu para a rua e gritou:

— Vambora, cambada! Os moleques tão fugindo!

Os homens que estavam na rua voaram para dentro da van ainda aberta. Carlos pulou no banco do motorista e começou a dar ré, mas o veículo arrastou pedaços de madeira e ferro, queimando pneu e não saindo do lugar.

Adilson, do lado de fora, passou a mão nervosamente na cabeça. Não tinham pensado nisso quando imaginaram a estratégia. A van poderia ficar danificada ou presa. Era justamente o que estava acontecendo.

Carlos, respirando com dificuldade, desceu do veículo e contornou o Ford Fusion. Abriu a porta do motorista. As chaves estavam lá.

— Dirige aí, parceiro. Vamos embora na viatura da urubuzona. Deve ser até blindada essa porra.

Adilson ligou o carro e engatou o drive, saindo da garagem sob o som de metal arranhando. A lateral do Fusion ficou imprestável, mas ao menos tinham um carro de fuga. Dos homens engajados na missão restavam seis. Carlos estava ferido, sentado ao lado do motorista, Marcião, e no banco de trás, Bigode e Cabral, enquanto Fernando corria para a moto abandonada pelo segurança. Logo o grupo descia a rua no encalço do Mégane avariado, deixando para trás os corpos de quatro comparsas mortos no combate com os federais.

Pedro pisou no freio, fazendo o carro derrapar quando chegou na portaria, encontrando dois carros da segurança bloqueando a entrada e a saída. Sete seguranças estavam ali, com armas em punho, gritando para que descessem com as mãos na cabeça.

Pedro desceu primeiro, gritando:

— Eles estão vindo atrás da gente! Eles querem matar a mim e ao meu irmão!

De pronto reconheceram o filho da promotora, baixando as armas. Os olhos dos seguranças estavam arregalados, perplexos.

— Eles mataram os dois que estavam nessa viatura e o da moto também. Eles virão pra cá, liguem pra polícia, pelo amor de Deus. Eles mataram os agentes da Polícia Federal.

— Calma, filho. Calma.

— Eles estão com fuzis e granadas, não vieram pra brincadeira.

Dois seguranças circularam o carro.

— Pode descer — disse um deles para Breno.

Pedro voou para o carro, alarmado.

— Não! Não faz ele descer. Ele está em choque. Deixa meu irmão quieto. Liguem pra polícia.

Um dos seguranças estava imóvel, olhando para o cadáver no banco do passageiro.

— Ele tava vivo agora há pouco.

Pedro ficou olhando para o homem incrédulo. Ouviu o motor descendo a rua. Era um carro negro. Era o Ford Fusion!

— São eles!

Pedro esgueirou-se para dentro do Mégane semidestruído e, ainda com a porta aberta, engatou a marcha e pisou no acelerador, fazendo os seguranças saltarem para os lados, com armas em punho, ainda.

Os seguranças começaram a atirar contra o carro negro que se aproximava, enquanto o Mégane com Pedro e seus amigos batia no bico de uma das viaturas e forçava passagem para a rua.

De dentro do Ford Fusion começaram a vir disparos pelas janelas. Os seguranças descarregaram sua munição na lataria do sedã, e depois tiveram que pular no chão, buscando proteção de vasos e colunas quando o chumbo grosso do revide começou a rugir de dentro do carro. Para sorte dos bandidos e azar dos agentes patrimoniais, o carro da promotora era, como previsto, blindado.

Pedro ganhou a avenida que interligava vários condomínios residenciais e pisou fundo no acelerador, trocando de marcha como podia, fazendo um ronco pavoroso escapar do motor. Percebeu que tinha que passar a marcha mais uma vez, e logo estava em quarta, fazendo o Mégane voar baixo no asfalto; precisava virar a direção hidráulica com cuidado, tentando manter o carro na pista. Buzinas faziam com que ele trocasse de pista assustado. Desacostumado a buscar veículos nos retrovisores, não sabia se as luzes que encontrava eram dos carros em que ele estava quase batendo ou se já eram dos bandidos em seu encalço. No banco de trás as meninas gritavam a todo instante, conforme ele trocava de faixa e fazia o carro rabear na pista. Num segundo de reflexão teve certeza de que as buzinas eram de outros motoristas ameaçados por ele, os bandidos jamais dariam sinal de sua presença. Quando alcançassem seu carro iriam é metralhar os ocupantes. Pedro acionou o limpador de para-brisa sem querer e não conseguiu mais desligá-lo. A iluminação que o carro fornecia era precária, provavelmente um dos faróis tinha ido para o espaço. Na curva os pneus cantaram. Uma lágrima descia de seu rosto. Pensava na mãe e no pai. Sabia que aquele inferno poderia explodir ao seu lado mais dia, menos dia. Só queria que as coisas voltassem a ser como eram antes de o pai morrer. Queria acampar com seu pai. Queria perder o medo do mar e aprender a surfar com ele. Queria ser um bom irmão para Breno. Queria fazer um bolo de cenoura com a mãe. Mas o tempo não voltaria nunca. As coisas jamais voltariam a ser como eram antes. Jamais.

— Larga a mão de ser vacilão, Adilson! Passa pelo buraco que o moleque fez! Se a gente perder esse moleque, a gente tá na roça, meu irmão.

— Atira então que eu passo!

Carlos abriu um pouco sua janela, o suficiente para passar o cano do fuzil. Começou a disparar, poupando munição, procurando um segurança aqui e ali.

— Vai logo, malandro! Essa porra tá blindada, ninguém vai te acertar, não, seu cuzão. Eu já tô arregaçado aqui e não tô com medo. Mete o pé! — reclamou o líder ferido.

Adilson acelerou e cruzou o portão, resvalando os lados do largo Fusion, mas ganhando a avenida. Pisou fundo no acelerador. O garoto tinha pelo menos um minuto de vantagem. Mas, dirigindo daquele jeito, logo estaria à vista.

Adilson olhou pelo retrovisor, vendo Fernando chegar à portaria com a moto e tombar, provavelmente atingido pelos seguranças. Agora não era hora de heroísmo. O amigo que fosse esperto e se entregasse, porque, se parasse agora, nunca mais encontraria o carro com as crianças, e certamente seria ele quem pagaria aquela fatura.

Carlos abriu o porta-luvas do Fusion e sorriu logo com o seu primeiro achado.
— Olha isso aqui.

Adilson deu uma olhada rápida para a mão do amigo. Era uma foto dos garotos e de um cara. Talvez o pai morto deles ou algum peguete da mãe.

— Vou chegar no carro dos moleques com essa foto aqui. Pra não ter erro.

— Pra onde você vai, Pedro?

O garoto olhou pelo retrovisor. Já estava se acostumando com o espaço do carro. Encontrou os olhos vermelhos de Chiara.

— Precisamos achar uma viatura de polícia, um batalhão da PM, qualquer coisa.

Pedro viu a placa de acesso à rodovia Castello Branco.

— E se formos pra Castello? Tem a polícia rodoviária — sugeriu Pedro.

— Não me pergunta nada. Não me pergunta nada.

Chiara estava desesperada. Jéssica chorava baixinho.

— Como tá o meu irmão?

Chiara olhou para Breno. Ele estava encostado na porta, com o quadril no assoalho do carro, os olhos azuis brilhando no escuro.

— Ele tá quietinho, mas tá bem.

— Você tá bem, Breno? — perguntou Pedro.

Breno balançou a cabeça, sem emitir som algum.

— Ele disse que está! — berrou Chiara, olhando para trás pela centésima vez.

Pedro olhou para o lado. Só agora voltava a tomar ciência de que transportavam um cadáver no carro. A cabeça dele estava caída pra frente. Sangue pingava de seu queixo. Ele tinha uma pistola na mão.

— Ele tá morto? — perguntou Chiara.

Pedro olhou para ela pelo retrovisor.

— Tá.

— Ele era legal com a gente.

Pedro olhou de novo para o segurança. Era o Alencar. Gente boa. Sempre orientando a molecada. Enchia o saco por causa da onda de cigarro na boca de

adolescentes que tinha se alastrado no condomínio. O Alencar tinha moral com a molecada porque, apesar das duras, nunca caguetava ninguém, só tomava os cigarros. Uma vez ele pegou o Gabriel com maconha. Não caguetou, mas falou um monte para o moleque, que até chorou.

— Lembra daquela vez do Gabriel? — perguntou ela.

— Tava pensando nisso agora.

— Ele nunca mais fumou. — A voz dela estava entrecortada pelo choro.

— Ele não merecia morrer. Mó cara gente boa.

— Pode crer.

Pedro pegou o acesso à rodovia Castello Branco. Respirou fundo.

— Chiara, se a gente sair dessa, eu queria namorar você. Pra valer.

Chiara enxugou a lágrima do rosto e sorriu. Pôs a mão no ombro de Pedro e apertou firme. Foi aí que um ronco forte surgiu do lado direito do carro, e o mundo todo girou.

Pedro perdeu o controle do carro quando foi tocado pelo Fusion do lado direito. O carro bateu perto da sua roda traseira, e o Mégane estava numa curva, entrando na rodovia, levando-os praticamente para a salvação. O volante escapou de suas mãos, e a frente do carro girou com tudo para a direita, rodopiando até estourar no guard-rail. Os airbags inflaram e a buzina disparou. Pedro não conseguia se mexer. O pescoço doía infernalmente. Não conseguia ver nada à sua frente. O capô do Mégane tinha levantado, e uma cortina de fumaça se formara ao redor. O corpo do Alencar tinha sido jogado contra o encosto do banco pela explosão do air-bag e agora pendia para a frente novamente. Pedro ouvia a buzina do Renault, enguiçada e disparada continuamente, como se estivesse a quilômetros de distância, habitando outra galáxia.

O Fusion freou do outro lado da pista, retomando o controle. Carlos, no banco do passageiro, ria.

— Te falei que a gente alcançava o pivete. Hahaha! Vai lá, Adilson. Finaliza eles.

Adilson, quando esteve na varanda, chegou a ter o garoto na sua mira. Atirou no capô do veículo e no farol dianteiro. Jamais mirou no garoto de verdade. Não queria matar aquela molecada.

— Cê tá ligado que eu sou pai e essa parada de criança não é comigo, Carlão. Se quer o menino morto, vai lá e passa ele você mesmo.

Marcião e Bigode ficaram calados, olhando para o carro do outro lado da pista. Uns carros minguaados passavam pelo acesso, reduzindo a velocidade, sem parar, atraídos pelo acidente. Cabral foi o primeiro a desembarcar, do lado esquerdo, direto na pista.

De dentro do veículo Carlos ainda olhava para a cara do desobediente.

— E anda logo antes que pinte polícia. Os vigias do condomínio já devem ter ligado até pro FBI, hahaha! — brincou Adilson.

— Tu é uma bichona mesmo, hein? Só porque é um moleque não quer puxar o gatilho?

— Eu tenho cinco crianças em casa, ô infeliz. Minha menina mais velha tem justamente a idade desse porra aí. Eu não vou matar criança, e ponto final. Quer ele morto? Faz você.

— Não tem televisão na sua vida, não, meu chapa? Cinco? Vai foder assim na casa do caralho.

Carlos abriu a porta e soltou o fuzil no banco do passageiro. Ficou olhando para o carro. Só dava para ver o garoto ruivo se mexendo, tentando abrir a porta. O resto do carro parecia um túmulo, envolto em fumaça que saía de todos os cantos. Jogou a toalha ensanguentada no capô do Fusion e tirou o .38 do coldre, de olho na rodovia. Esperou um caminhão passar e então atravessou calmamente, fazendo seus passos estalarem contra o asfalto e os cacos de vidro, barulho encoberto pelo som da buzina disparada do Renault. Contornou o carro pela frente destruída. Deu uma tragada longa no cigarro e olhou para a corneta da buzina. Deu um tiro no aparato, fazendo o silêncio voltar para a pista. Olhou novamente para o Fusion parado do outro lado e balançou a cabeça.

— Agora, sim.

Entendia muito bem o Adilson, para falar a verdade. Eles eram assaltantes de banco, não assassinos de crianças. Acontece que ele estava na vida bandida, não podia ficar escolhendo demais os serviços. Quando Djalma visse o que ele tinha feito por ele, filho da mãe nenhum no crime de São Paulo ia se meter com a turma dele. Carlos soltou a fumaça pelo nariz e jogou o cigarro no chão. Seu braço latejava, e a hemorragia tinha sido tão brava que às vezes parecia que ia desmaiar. Marcião e Bigode também desceram para dar cobertura. Os dois também tinham entendido e deixaram os fuzis no carro para não chamar ainda mais a atenção. Tinham que agir rápido. Carlos se aproximou quando o garoto finalmente abriu a porta.

— Aonde vai, chapinha?

Pedro, com sangue escorrendo pela testa e uma corrente de dor varrendo seu corpo a cada movimento, não conseguiu se levantar do banco, mexer os pés ou responder nada. Não conseguia se virar para trás. Era como se sua coluna tivesse sido arreventada ao meio. A dor no pescoço e nas costas era insuportável. Queria falar com o irmão, pedir perdão. Queria falar com Chiara e com Jéssica e acalmá-las. Ouvia o choramingo das meninas, mas não escutava o irmão.

— Breno... — sussurrou.

Carlos passou pela porta e olhou para o banco de trás através da janela estourada. Duas meninas enrodilhadas, choramingando. Uma no banco, a outra no chão do veículo, com o ruivo mais novinho. Sorriu irônico quando viu o corpo do segurança atado ao cinto de segurança.

— Cintos salvam vidas. Hahahaha! Aaaai, hoje eu tô afiado, nego!

Os outros capangas riram da graça. Bigode fumava um cigarro, encostou a mão na lataria perto do porta-malas, do lado esquerdo do veículo, olhando para dentro. Marcião foi para a frente observando para o estrago que tinham feito no Mégane. O bichão estava crivado de balas. Enquanto isso, Cabral ia para o meio da pista, também absorvido pela cena do acidente. Pedaçõs de lataria, cacos de vidro e fluidos vazando para todo lado.

Carlos coçou o rosto e tirou a fotografia do bolso do jeans, voltando-se para a frente. O menino, que tentava virar-se no banco do motorista, tinha conseguido colocar um pé para fora. Devia estar bem machucado. Alinhou a fotografia com o rosto do menino e fez uma careta.

— Olha, garoto, se te consola, posso dizer que você foi muito bem. Me deu mais trabalho do que aqueles agentes federais. Serião. Tu é marrento. Puxou àquela piranha da tua mãe.

Choro dentro do carro. Carlos endireitou o corpo. Pensou ter ouvido sirenes. Fechou os olhos e entortou a cabeça para a esquerda. Eram sirenes mesmo.

— Acabou a festa, garoto. Desce do carro.

Pedro não conseguia se mover.

Carlos o agarrou pelos cabelos e o puxou para fora. O garoto soltou um grito de dor agudo e penetrante. As meninas gritaram apavoradas. Chiara apertou Breno entre suas mãos, não deixando o menino se levantar. Do lado de fora, junto à porta do motorista, Carlos chutou um dos joelhos do rapaz, fazendo-o se ajoelhar.

— Sua mãe não tinha nada que se meter com gente da nossa laia, garoto. A culpa de você estar aqui, de joelhos, é toda dela. A culpa de eu te enfiar um carão de oitão nos teus cornos, xará, é toda dela.

O bandido ergueu o revólver e o encostou na têmpora do garoto. As meninas ganiam baixinho, desesperadas, assustadas. Os comparsas do assassino olhavam para os lados, vendo se algum veículo se aproximava.

Carlos puxou o gatilho e houve uma explosão dupla. A dor no braço era tão presente que ele demorou para entender o que tinha acontecido. Ele não tinha puxado o gatilho duas vezes. Viu o corpo do garoto tombar para a frente, sangrando com o tiro na cabeça, pedaços de pele balançando e, no segundo seguinte, enquanto o mundo escurecia, ele também caiu.

Incrédulo, Marcião, do outro lado do Renault, deu um passo à frente até a porta do passageiro e puxou o gatilho, metendo uma bala na cabeça do segurança, mandando-o de vez para o inferno, enquanto ouvia o barulho da cápsula expelida por sua pistola quicando no asfalto. O putro do segurança moribundo tinha atirado em Carlos e apontado a arma para trás, entre o banco e a janela, acertando Bigode no meio do peito. Marcião virou-se para o Fusion e ergueu os ombros.

— Caraca, Adilson! Você viu o que o putro fez?

Adilson abriu a janela blindada e deu uma rajada de disparos de fuzil, abatendo Marcião e Cabral.

— Vi. Vi, sim. Isso é pra vocês aprenderem a não matar crianças.

Adilson fechou o vidro e pisou no acelerador, deixando aquele cenário de desgraças para trás.

Chiara, pelo som do motor, soube que o Fusion estava indo embora. Um instante depois, e tudo estava quieto. Ela foi a primeira a se levantar. Jéssica choramingava, em choque, deitada no banco. Breno também tremia, com as mãos tapando os ouvidos. Ela desceu, e o vento frio daquela noite maldita chicoteou sua pele. Ao lado do carro, junto à porta de passageiros, o corpo de um homem com longos e grossos bigodes jazia. Fechou a porta para conseguir passar pelo espaço estreito entre o carro e o guard-rail. O homem que tinha falado com Foguete estava estrebuchando no chão. Chiara levou a mão à boca para não gritar. Foi até o lado dele e se abaixou, pegando o revólver que ainda estava em sua mão. Com lágrimas caindo pelo rosto viu o corpo de Pedro estirado no asfalto, logo à frente do Mégane. Chiara jogou a arma para o lado e apanhou do chão a fotografia que Carlos tinha tirado do carro da promotora. A menina arrastou os pés até Pedro, o seu amor. Ela se ajoelhou ao lado dele aos prantos. Ao lado da cabeça do rapaz havia uma piscina de sangue. Sua pele estava fria, seu rosto, pálido e seu corpo, imóvel. Com esforço ela conseguiu virá-lo de frente. Os olhos dele não respondiam aos seus. Chiara sentiu uma dor funda no peito. A boca de Pedro estava azul. Ela estava vendo o garoto que amava tanto morrer na sua frente. A menina soltou um gemido de dor e agonia, incrédula com tudo aquilo que estava acontecendo. Baixou a cabeça sobre o peito frio de Pedro, chorando. Foi aí que ele respirou fundo uma vez, e um som gutural escapou da garganta do menino. A saliva borbulhava em sua boca. Ele estava vivo! Ela gritou e se levantou. Chiara correu para o meio da pista e caiu de joelhos com os braços erguidos. Um carro freou em cima da garota. Uma mulher desceu aflita, deixando o pisca-alerta ligado.

— Vocês bateram? — perguntou a mulher, erguendo Chiara.

Chiara só chorava. A mulher, preocupada com a menina que poderia ser atropelada, puxou-a, retirando-a da pista e encostando-a no Mégane destruído. Olhava para o rosto da menina, tentando acalmá-la, quando viu a cena ao lado. Levou as mãos aos lábios, aflita, assustada com os corpos ensanguentados no chão.

— Leva meu namorado pro hospital, dona. Ele está morrendo.

CAPÍTULO 3

Everaldo lia automaticamente cada uma das circulares empilhadas no canto de sua mesa. Uma mais chata e repetitiva que a outra. Também, de forma automática, lançava olhares para a tela do computador. Tudo certo. Nenhum alerta ativo. O plantão prometia uma monotonia sem fim. A coisa estava tão morosa que tomou um susto com o ronco desbragado de seu amigo Medeiros. O velho tossiu engasgado com o próprio ronco e recuperou a postura, constrangido, olhando para o monitor e fingindo concentração.

Os geradores iam bem e fazia algumas semanas que nenhuma linha caía. Medeiros esfregou o rosto e se levantou, espreguiçando-se.

— Everaldo, vou dar uma pescada no banheiro, este sono tá brabo. Preciso descansar uns dez minutos.

— Velho é foda. Vive babando pelos cantos.

— Vai te catar, Everaldo! Arruma neto pra você ver o que é bom pra tosse.

— Deus me livre e guarde de ter neto. Nem filho eu quero.

— Se você metesse de vez em quando arrumaria filho em algum lugar, seu gordo brocha.

— Velho! Você tá ficando muito mal-educado, sabia? Tá rabugento demais hoje. Falando palavrão para aquele que sempre acoberta as suas fugas para o banheiro.

— Tô é mal-humorado mesmo. O pirralho não pregou o olho essa noite. Minha filha tá reformando o apartamento e vai ficar mais dois meses em casa.

— Você já falou umas vinte vezes que a Dolores vai ficar dois meses na sua casa. Pura rabugice! Em vez de curtir o netinho, fica aí resmungando.

— Neto é o cacete! Eu quero é minha paz de volta. Moleque dos infernos! Medeiros saiu andando devagar e olhou para a tela mais uma vez.

— Fica de olho aí no monitor.

— Vai lá. Quinze minutos, hein?

Medeiros tomou o rumo da porta, arrumando a calça na cintura.

O silêncio voltou à sala de monitoração e, com ele, a monotonia. Everaldo pegou mais um memorando, finalmente uma novidade: haveria, no começo do mês, um torneio de futebol com direito a churrascadas para confraternização dos colaboradores dos dois lados da binacional. Em geral, quando os memorandos lembravam da divisão de bandeiras dentre os que trabalhavam na usina, era em alusão a picuinhas entre os diretores do Brasil e do Paraguai. Quando seu celular tocou, Everaldo estremeceu na cadeira, tomando um susto. Olhou para o display. Era sua esposa. O que ela queria àquela hora? Faltavam poucos minutos para a meia-noite. Tomara que não fosse mais despesas malucas que ela sempre inventava fora de época.

— Alô, meu bem.

— Oi, Everaldo.

— Tá sem sono?

— Faz uma semana que eu estou custando a dormir.

— Deve ser ansiedade com o seu doutorado.

— Hoje eu saí com a Dora e o Carlito antes de vir pra casa.

— Sei — respondeu o marido, colocando a conversa no automático, prevenindo que aquilo ia demorar.

— A gente foi no boliche. É legal lá, você vai gostar de ir.

— Aquele na República Argentina?

— Isso. Bem divertido, e não é caro. Pra você se divertir o passeio não pode ser caro, já é um bom começo.

— É verdade.

Os olhos de Everaldo passaram para a próxima circular. Informativo de treinamento de prevenção de acidentes. Lá ia ele perder uma manhã de sono, sendo obrigado a participar de alguma simulação.

— Você sabia que eles vão mesmo para Bariloche nas férias da faculdade?

— Hum, hum. Acho que você já me falou isso um trilhão de vezes, amor.

— Ah, tá.

Silêncio por um instante.

— Hoje eu aprendi o que é um spare — disse a esposa, empolgada. — Você sabe o que é?

— Não. Nunca ouvi falar disso. É do boliche?

— É, amor. Já falei, você precisa jogar! É uma graça.

— E o que é um spare, no fim das contas? É derrubar tudo?

— *Nope!* Derrubar tudo é um strike! Spare é derrubar todos os pinos na segunda jogada.

— Ai! Que confusão esse jogo!

— Não é confuso. É divertido! Joguei todas na canaleta na primeira rodada, mas aí a Dora foi me dando uns toques e fiz um monte de spares na segunda. Uma graça.

— Strike também é derrubar tudo. Não tô entendendo nada.

— Strike é derrubar tudo na primeira! Quando é a sua vez, você tem duas jogadas no boliche. Aí, se derrubar tudo na primeira, é strike, marca um xizinho no painel.

— Ah! Um xizinho...

— Para de tirar onda, amor. Vamos lá que eu te explico.

— Vamos, marca aí com a Dora e o chato do Carlito.

— Não. A gente vai com a sua irmã, a Regina. Ela está precisando se desentocar daquele apartamento. Credo! Não sei como mulher fica assim por causa de homem.

Everaldo riu do comentário da esposa.

— A Dora e o Carlito já tiraram até passaporte para viajar. Uma graça.

— E desde quando precisa de passaporte para ir para Bariloche?

— Ai, eu sei que não precisa. Mas eles querem viver uma viagem internacional, entende?

— Argentina, Isis. Me poupe! Quem aqui em Foz nunca foi para a Argentina? Paraguai?

— Deixa de ser chato, Everaldo. Você tá parecendo o seu Medeiros aí. Tá convivendo muito com ele.

— Fazer o quê, Isis? Preciso do adicional noturno para continuar nossa poupança.

— Eu queria tanto ir para Bariloche com a Dora. Bem que a gente podia ir, né? De lua de mel.

— Deve ser a quinta lua de mel, já. Como você mesma diz: uma graça.

— Eu nunca vi neve, Everaldo!

— Eu raspo o congelador da sua mãe domingo que vem e te dou um pouco de neve.

— Sem graça! Agora, falando sério, faz anos que a gente não viaja nas férias. Suas férias serão bem nas minhas férias da faculdade e bem na época em que a Dora e o Carlito vão. Eles conseguiram descontos especiais.

— Não vem com esse papinho, não, dona Isis. Faz só dois anos que a gente não viaja. E quando eu comecei a economizar você foi super a favor.

— Mas você quer esse dinheiro para comprar uma lancha!

— Uma lancha pra navegar no rio Paraná, coisa que você adora.

— Adorava, mas agora eu quero viajar. Só dessa vez, vai...

— Não, filha, eu cedo dessa vez, aí vem outra vez, eu te conheço.

— Não me chama de filha, você sabe que eu não gosto.

— Filha, pela primeira vez depois de seis anos de casado eu estou conseguindo ver dinheiro na conta e você já quer usurpar tudo.

— Ai, Everaldo! Tudo para você é dinheiro, dinheiro! Eu peço pra minha mãe pagar a viagem, se for o caso.

— Ah, Isis! Pede então! Pede dinheiro pra sua mãe pra suas besteiras e coisas de guria mimada!

— Everaldo!

Ouviu um estrondo a distância, como se tivesse vindo de fora da usina. O rapaz estava tão irritado com a esposa que não deu bola.

— Pede a droga desse dinheiro e vai sozinha com a Dora e o Carlito. E aproveita, na volta, para vocês todos irem para o inferno e me darem um sossego!

Everaldo não tinha notado, mas já estava de pé, tomado por um nervosismo repentino, com a respiração e os batimentos cardíacos acelerados. Isis tinha aquela capacidade incrível de irritá-lo, um dom natural, intrínseco aos bons casais. Contudo, o silêncio que se seguiu ao telefone arrefeceu sua fúria. Ela tinha desligado na sua cara. Ele tinha sido um cavalo, reconhecia isso de imediato. Ficava bravo com assunto de grana. Ela sabia bem que ele não era nenhum marajá e não sobrava muito dinheiro no fim do mês. O pouco que ele conseguia salvar da sanha consumidora da esposa ia para uma poupança destinada a comprar uma lancha. Nem era daquelas grandes, de magnatas. A que ele queria tinha 19 pés e meio, e um motor de 90 hp já estaria de bom tamanho para os seus sonhos de lobo-de-água-doce. Um barquinho, esse era o seu sonho. Isis não precisava ter desligado assim, na sua cara. Ela sabia que os seus destemperos tinham endereço certo em seu cérebro e duravam segundos. Se ela tivesse ficado na linha, estaria agora ouvindo alguma adulação ou contorno que ele sempre dava na conversa para agradar a esposa e minimizar os efeitos de seus arroubos de intransigência. Isis era mimada demais, filha de industriais da região, acostumada a mordomias e regalias com as quais ele não podia arcar e que a sogra adorava garantir com seu talão de cheques de dondoca rica. Everaldo chegou a digitar os primeiros números do celular da esposa, quando seus olhos foram para os terminais. Finalmente saindo de um transe e entendendo que os bips de alerta que escapavam de sua máquina eram a razão do seu trabalho. Algo ia errado na usina de Itaipu. Lembrou-se de imediato do grande estrondo que ouviu. Sentou-se em frente ao monitor e começou a clicar nos avisos e a adotar os protocolos exigidos para cada um deles. Olhou para o monitor do Medeiros. Parecia uma árvore de Natal, piscando. Foi então que um arrepio percorreu sua espinha. O tal do barulho que tinha ouvido, segundos atrás, parecera uma explosão. Acontece que estava encravado no coração de milhões de toneladas de concreto da usina de Itaipu. Aquele barulho teria sido lá dentro? Logo os telefones da sua mesa iriam disparar com chefes de seções ou engenheiros de linha tentando entender o que estava

acontecendo. O que estava acontecendo é que, se em menos de um minuto ele não desse conta de todos aqueles alertas e remanejamentos, Itaipu iria parar e metade do Brasil ficaria às escuras. Deu um sorriso de canto de boca. Itaipu não ia parar no seu turno. Ele tinha sido treinado para isso, para não deixar as unidades geradoras pararem. Da mesmice à aflição em segundos. Os primeiros quinze minutos foram estressantes, mas eram todos alarmes de dispositivos elétricos e eletrônicos de segurança, redundantes. A cada manobra uma suspeita ia se solidificando em seu pensamento, havia um sério problema na rede de comunicação do sistema de distribuição, o que poderia levar, em pouco tempo, à suspensão do fornecimento de energia. Everaldo estava com o coração acelerado, tinha que acionar as pessoas certas para que a distribuição de energia de Itaipu não entrasse em colapso, gerando um apagão monstruoso, e, mais importante ainda, tinha que ligar para sua esposa e pedir desculpas pela grosseria, senão seu casamento iria para o buraco de uma vez e, acredite, para ele, não havia escuridão mais assustadora do que essa. Se ao menos o folgado do Medeiros já tivesse voltado ao seu posto, teria o dobro de velocidade na execução dos protocolos. Os alertas na tela vizinha só aumentavam. Everaldo pegou seu telefone e discou o ramal do encarregado do turno na inspeção das unidades geradoras. Estava mudo. Bateu o telefone, consternado, levantou-se e apanhou o aparelho da mesa do Medeiros. Nada, também mudo. Sentou-se mais uma vez em frente ao monitor e digitou freneticamente, gerenciando cada flag que aparecia piscando em seu painel. Abriu o Personal Communicator, um serviço de chat dedicado desenvolvido pelo setor de informática. Mandaria uma mensagem de alerta padrão para as subestações primárias e para os chefes de turno na usina. Olhou nervoso para a porta, esperando que o Medeiros surgisse como um anjo salvador.

— Merda! — exclamou, quando uma mensagem de erro do navegador apareceu na tela. — Sem telefone, sem internet. O que está acontecendo?

Sentiu um arrepio descer até o fim da espinha quando a sirene do corredor disparou seu sinal rouco de emergência. Era o alarme físico da usina que só era acionado quando algo muito sério acontecia. Sério como um incêndio ou sério como uma fratura na estrutura de concreto da represa. Everaldo correu para o corredor. Estava vazio como um mausoléu. A luz amarelada das lâmpadas de emergência estavam girando. A luz tremeluziu.

— Santo Deus! O que está acontecendo?

O rapaz voltou até a sua mesa e pegou a pasta arcaica de memorandos. Em tempos de documentos digitais, como é que alguma empresa ainda mantém memorandos impressos em papel? Retirou o calhamaço de memorandos. Devia estar no começo o que procurava. Foi esparramando as folhas pela mesa e pelo chão em agonia, até encontrar o que queria e sorrir. “Depto: CIPA/Assunto: Atenção, colaboradores. Treinamento de Incêndio – Simulação”.

Era isso! Um exercício! Uma simulação! Provavelmente até a interrupção de toda a comunicação estava dentro da jogada. Mas por que ninguém tinha avisado os controladores? Olhou para o memorando mais uma vez. Memorandos serviam para isso. Ali não mencionava nada de interrupção de comunicação. Pensando bem, era perigoso demais brincar com uma coisa daquele porte, daquele nível. Everaldo correu até o banheiro masculino. Coisa de vinte metros da sala de controle. O alarme era ensurdecedor, como é que alguém conseguia dormir com um barulho daqueles?

— Medeiros! Medeiros!

Everaldo foi passando de vestíbulo em vestíbulo, empurrando as portas de supetão, doido da vida com o abandono de posto do colega. Quando chegou ao último, estranhou. Medeiros não estava ali. Voltou ao corredor e parou ali por um segundo. Virou-se e entrou no banheiro feminino. Medeiros tinha feito uma “camazinha” com papel toalha e estava, literalmente, babando. Everaldo deu dois chutinhos no quadril do velho, que nem se mexeu.

— Folgado — murmurou, irritado.

Everaldo abriu uma das torneiras e enfiou as mãos em forma de concha debaixo do jato. Foi caminhando em direção ao colega e arremessou um punhado de água no rosto de Medeiros, já se preparando para o esporro. Seu sorriso, ainda pequeno, murchou rapidamente quando o velho não se mexeu. Abaixou-se, com as sirenes tonitruando em seus ouvidos. Trêmulo, pôs a mão no pescoço de Medeiros. Aquilo também era resultado de um desses treinamentos chatos promovidos pela Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Abaixou a cabeça até tocar o peito do amigo. Não conseguia ouvir seu coração, nem sentir seu pulso, nem sentir as batidas.

— Medeiros... Porra, velho! Não faz isso!

Everaldo teimou e voltou a pressionar a carótida e a jugular. Ficou aliviado ao sentir um pulso tímido, mas existente. Voltou até a pia e encheu a mão com água mais uma vez, jogando no rosto do homem que, mais uma vez, nem se mexeu. As sirenes continuavam, insistentes. Medeiros era muito pesado para ser carregado, e a enfermaria ficava longe. Everaldo voltou até a sala de controle. O treinamento estava ficando sério. O bom é que, com um treinamento em andamento, deveria ter um médico no plantão. Apanhou o telefone. Continuava mudo. Deixou a sala e começou a correr em direção ao posto de enfermagem. Finalmente encontrou-se com outro colega de trabalho, o Alicate, da manutenção.

— Esse alarme é da simulação? — perguntou Everaldo, aflito.

— Eu não sei. Ia ter simulação?

— Na circular que passaram para o controle, tava escrito.

— Eu vou direto para o pátio porque isso não tá me cheirando bem, Everaldo. Nunca vi simulação de madrugada.

Everaldo agarrou Alicate pela manga do macacão.

— Espera. O Medeiros...

— Por que ele não veio com você?

— Encontrei ele desmaiado no banheiro.

— Liga para o Miro da enfermagem.

— Aí que está, os telefones estão todos mudos.

— Ainda bem que já inventaram o celular, né?

Alicate parou e puxou seu smartphone do bolso. Cofiou o vasto bigode e olhou para Everaldo.

— Está sem sinal.

— Tô te falando, Alicate. Tá muito esquisito esse treinamento. Faz o seguinte, acha alguém da enfermagem e traz pra cá. Ele tá caído no banheiro feminino. Vou ficar com ele, pode ser um infarto, ele pode precisar de massagem cardíaca.

— Banheiro feminino? — perguntou Alicate, já se afastando.

— Corre, cara! Ele tá malzão, depois te conto.

Everaldo e Alicate se separaram. O técnico do controle refez seu caminho até o amigo. Estava na mesma. O consolo é que “na mesma” ao menos significava que estava vivo. Correu até sua sala para reaver o celular. Precisava falar com Isis. Não queria que ela ficasse pensando que ele tinha desligado na sua cara quando a ligação tinha simplesmente caído. Assim que botou a mão no aparelho já viu o ícone de falta de sinal. Arremessou o aparelho de volta à mesa e logo se arrependeu. Aquele barulho das sirenes o estava endoidecendo. Enfiou o aparelho no bolso da calça jeans e voltou correndo para o banheiro. Nunca aqueles corredores pareceram tão fantasmagóricos quanto agora, pintados pelo amarelo rastejante das luzes de emergência. Chegou no banheiro, checou o amigo e foi até a pia lavar o rosto, do qual escorria suor. Fez dois chumaços com papel higiênico e tapou os ouvidos. Ficou enrolando uma bolinha com um resto de papel. Notou que o papel do banheiro das mulheres era diferente, fofo e de folhas múltiplas, muito diferente daquela lixa que colocavam no banheiro masculino. Ajoelhou-se junto ao corpo imóvel de Medeiros e ficou olhando para seu rosto calmo. Ele tinha que estar inconsciente para estar com aquela expressão tão tranquila em meio a toda aquela algazarra infernal estourando contra seus ouvidos. Ficou pensando no neto dele, que já deveria, finalmente, estar dormindo. Pensou também em Dolores, a filha mexicana do Medeiros. Como era bonita a danada! Ela também devia estar dormindo, sem imaginar que o pai tinha infartado ou tido um derrame e estava agora à beira da morte no meio de um treinamento imbecil. Enquanto pensava em como daria a notícia para Dolores, o inferno sonoro cessou. Everaldo ficou de pé e tirou os tampões de papel dos ouvidos. Caminhou pé ante pé até a porta e abriu uma fresta, como se uma fera o espreitasse do lado de fora. As luzes de emergência também tinham sido desligadas. Everaldo sorriu.

— Já não era sem tempo.

Ouviu passos e vozes. Alicate voltava com o doutor Vasco. Assim que avistaram Everaldo na porta do banheiro das mulheres, apressaram o passo.

— Cadê ele? — perguntou Vasco.

Everaldo deu passagem, o médico ajoelhou-se ao lado de Medeiros e tomou o pulso do homem.

— Faz quanto tempo isso? — perguntou, enquanto lançava um fecho de luz nos olhos do inconsciente.

— Não sei, desde que ele saiu para cochilar, faz uns quarenta minutos. Ele saiu um pouco antes de começar o treinamento.

— Tá falando da sirene?

— É?

— Não é um treinamento, Everaldo.

— Como assim? Na circular dizia que ia ter um treinamento hoje.

— Eu sei. Eu li. Hoje ao meio-dia, não à meia-noite.

Everaldo se levantou e correu para a sala de monitoração. Os alertas explodiam na tela. Aquilo não fazia o menor sentido. Se todos aqueles alertas eram verdade, mesmo que fosse uma pane de comunicação, as retransmissoras entrariam em protocolo de emergência, desligando a linha. Metade do Brasil estaria às escuras uma hora dessas.

Alicate entrou na sala de monitoração, batendo na porta.

— Dá licença, Everaldo. O doutor tá te chamando. O caso do Medeiros é grave, sim.

Retornando ao banheiro feminino, encontrou o médico com o estetoscópio no peito nu de Medeiros.

— Ele tem batimento e respiração, mas são muito fracos. Não tem nenhuma resposta motora.

Everaldo não sabia o que dizer, o médico era ele. Ficou calado olhando para Alicate e depois para o segurança novo.

— Vamos precisar removê-lo. Ele está em coma — diagnosticou o médico, pegando o celular no jaleco.

— Nem perca seu tempo, doutor. Os celulares estão sem sinal.

— O meu é Nextel, talvez funcione.

Mal terminou de falar, o médico viu que estava sem sinal também.

— Você aí, segurança. O seu rádio alcança a portaria?

— Sim, senhor, quando está funcionando. Mas parece que hoje não é nosso dia de sorte.

— Bem, então chega de falação. Vamos levá-lo no braço — determinou Alicate.

— É o jeito, Alicate. É o jeito. Vocês sabem onde está a padiola do setor?

Em menos de um minuto Everaldo voltava para o banheiro trazendo o equipamento de madeira, com faixas com velcro para imobilização do paciente, bendizendo os treinamentos de prevenção de acidentes. O médico prendeu Medeiros de forma adequada, e logo os quatro homens estavam carregando o pobre diabo pelos corredores do setor de controle.

Quando chegaram ao elevador, o médico reduziu a marcha e apertou o botão.

Everaldo ficou inquieto e, antes de o elevador chegar, questionou o doutor Vasco.

— No treinamento dizem para não pegarmos elevadores em caso de incêndio.

— Incêndio? Que incêndio, Everaldo?

— O alarme.

— Já está desligado esse alarme, filho. Deve ter sido alguma pane.

Everaldo não discutiu. Até que fazia sentido a suposição do médico. Sua tela também estava maluca. Isso o fez lembrar de seu posto de trabalho e que ele era o único ali no turno capaz de analisar as flags de emergência e dar o suporte necessário, por mais ineficaz que fosse naquela noite no meio daquela situação insólita e irracional. A sineta do elevador tocou quando as portas se abriram no andar.

— Eu não posso ir.

— O que é isso agora? — indignou-se o médico.

— Eu sou o único na sala de controle. O Medeiros, meu Deus, tá desse jeito. Eu preciso ficar. A usina não pode parar. Vocês aguentam levar o colega?

O segurança e o funcionário da manutenção aquiesceram.

— Vai lá, garoto! E antes de sair passa na minha sala.

Everaldo soltou a padiola e segurou a porta do elevador para que os socorristas embarcassem. Assim que a porta se fechou sentiu um vazio. Ele era implicante com o Medeiros, mas era coisa de colega de trabalho. Viviam se xingando, mas na base da camaradagem, aquela coisa de irmão, no qual você dá porrada, mas do qual não admite que ninguém fale mal. Temeu que tivesse vivido o último instante com o amigo, ali, levando-o de maca até o elevador. E tinha-o abandonado por ser caxias. Voltou para a sala de controle remoendo o remorso de ter largado o amigo. Olhou para os imensos painéis à sua frente e para as telas em sua mesa, na tentativa de amenizar o sentimento com racionalidade. Milhões de pessoas dependiam do seu trabalho. Milhares de hospitais e serviços de urgência dependiam do suprimento de energia. Faria de tudo para que Itaipu não parasse.